

**MATOU A BICHA E FOI AO CINEMA**  
A representação da homossexualidade nos programas  
televisivos populares – Um estudo sobre  
ética, violência e educação na mídia brasileira.

Luiz Claudio Sisinho de Aragão Gonçalves

Escola de Comunicação da UFRJ

Mestrado em Comunicação e Cultura

Orientador:

Professor Doutor

Carlos Alberto Messeder Pereira

Rio de Janeiro

2000

**MATOU A BICHA E FOI AO CINEMA**  
A representação da homossexualidade nos programas  
televisivos populares – Um estudo sobre  
ética, violência e educação na mídia brasileira.

Luiz Claudio Sisinno de Aragão Gonçalves

Dissertação submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Prof.



– Orientador

Prof.



Prof.



Rio de Janeiro

2000

Gonçalves, Luiz Claudio Sisinno de Aragão.

Matou a bicha e foi ao cinema/ Luiz Cláudio Sisinno  
de Aragão Gonçalves. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO,

2000.

Dissertação – Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, ECO.

1. Homossexualidade. 2. Programas Televisivos  
Populares. 3. Tese (Mestr. – UFRJ/ECO).

I. Título.

WGLA  
2103. 02 P  
1.0

Para todos aqueles que amo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador Carlos Alberto Messeder Pereira  
e à Coordenação da Pós-Graduação da ECO/UFRJ.

## RESUMO

GONÇALVES, Luiz Cláudio Sisinno de Aragão Gonçalves. **Matou a bicha e foi ao cinema**; A representação da homossexualidade nos programas televisivos populares – Um estudo sobre ética, violência e educação na mídia brasileira.  
Orientador: Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2000. Diss.

O estudo que segue visa analisar a representação da homossexualidade em programas televisivos populares. Este estudo busca entender e não julgar o porquê da opção por uma visão chocante, sensacionalista, violenta, de mau gosto e desprovida de qualquer senso ético por parte dos referidos programas ao abordar os mais diversos temas, dentre eles a homossexualidade. Assim como os efeitos causados por essa forma de abordagem.

O estudo será dividido da seguinte maneira: num primeiro momento, traçarei um breve histórico dos programas televisivos populares buscando paralelamente analisar como se constrói a estrutura desses programas e como eles atuam sobre seus participantes e a massa de telespectadores. Num segundo momento, procurarei estudar especificamente a questão da homossexualidade quando retratada nesses programas, fazendo um contraponto com outras atrações das TVs abertas.

## ABSTRACT

GONÇALVES, Luiz Cláudio Sisinno de Aragão Gonçalves. **Matou a bicha e foi ao cinema**; A representação da homossexualidade nos programas televisivos populares – Um estudo sobre ética, violência e educação na mídia brasileira.  
Orientador: Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2000. Diss.

This dissertation analyses the representation of the homosexuality in popular brazilian television programs. This study tries to understand, not judge, the choice for a shocking, sensationalist, violent, bad taste and without ethics vision when such programs approach many different themes, among them homosexuality. We also take a look the effects caused by this kind of approach.

This study will be divided as follows: firstly we will trace a brief history of The popular TV programs trying to analyze how the structure of these programs is built and how they act over its participants and the mass of viewers. Secondly, we will study specifically the homosexuality issue when portrayed in these programs, making a analogy with others Free TV attractions.

## SUMÁRIO

<b>Parte 1 - Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Parte 2 – Breve Histórico dos Programas Televisivos Populares.....</b>	<b>12</b>
<b>Parte 3 – A Estrutura dos Programas Televisivos Populares.....</b> e a Sua Proliferação no Mercado Televisivo	<b>34</b>
<b>Parte 4 – A Representação da Homossexualidade nos.....</b> Programas Televisivos Populares	<b>47</b>
<b>Parte 5 – Conclusão – A Homossexualidade na televisão Brasileira: .....</b> A Verdade e as Meias-Verdades	<b>89</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>98</b>

PARTE 1  
INTRODUÇÃO

# PARTE 1

## INTRODUÇÃO

Certa vez, passava os olhos pela programação dos canais de TV aberta quando me detive em uma reportagem sobre garotos de programa, que posteriormente vim a descobrir que fazia parte do *Programa do Ratinho*, veiculado pelo SBT.

Quando sintonizei o canal, o repórter entrevistava um grupo de rapazes em seu local de trabalho, se não me engano uma rua do centro de São Paulo.

A matéria em questão me despertou a atenção pela preocupação excessiva do repórter em fazer com que os rapazes descrevessem com riqueza de detalhes os desejos de seus clientes.

Instigado pelo repórter, um dos rapazes diz, ironicamente, que antes de ser garoto de programa nunca havia imaginado que alguém pudesse lhe pagar para fazer suas necessidades fisiológicas. Relatando, em seguida, o caso de um cliente que exigia que ele defecasse em seu peito e urinasse em seu rosto.

Outro rapaz conta o caso de um médico que sempre o procura, levando consigo uma luva cirúrgica. O seu trabalho consiste em vestir a luva e introduzir a mão por completo no ânus do médico.

Vale ressaltar que esses relatos são feitos de maneira jocosa e divertida por parte dos garotos de programa.

Por fim, eles dizem que vários casais os procuram para uma transa a três, sendo que muitos homens querem assistir a sua mulher sendo possuída por outro homem. Os garotos são unânimes em dizer que esse é o melhor tipo de programa, pois não precisam transar com os *gays*.

Terminada a reportagem, o programa volta a ser conduzido do estúdio pelo apresentador Carlos Massa, o Ratinho, que, por sua vez, passa a entrevistar três garotos de programa, devidamente encapuzados para não serem reconhecidos.

O entrevistador e as pessoas do auditório questionam a masculinidade dos rapazes e o porquê de exercerem essa profissão, além de darem um destaque excessivo ao fato de pessoas do meio artístico figurarem entre seus clientes. No entanto, Ratinho deixa passar despercebidamente um excelente mote para uma discussão a cerca da pluralidade sexual. Um dos rapazes diz que exerce essa profissão porque gosta; ao passo que os outros dois optam pelo lugar comum de dizer que é culpa da crise de empregos.

Uma resposta como esta propiciaria a abertura para uma interessante discussão sobre a identidade sexual dos profissionais do sexo, cada vez mais ampla e subjetiva, porém, o apresentador opta pelo sensacionalismo e volta a questionar a masculinidade do rapaz.

O relato acima serve para exemplificar o objetivo deste estudo que visa analisar a representação da homossexualidade em programas televisivos populares. Este estudo busca entender e não julgar o porquê da opção por uma visão chocante, sensacionalista, violenta, de mau gosto e desprovida de qualquer senso ético por parte dos referidos programas ao abordar os mais diversos temas, dentre eles a homossexualidade. Assim como os efeitos causados por essa forma de abordagem.

Parto do princípio de que os programas televisivos populares realizam uma espécie de encenação das vidas das pessoas da classe baixa. O programa torna-se o veículo de expressão da miséria humana. As pessoas expõem seus problemas, gritam, xingam, esperneiam, se agriem, riem e choram. É uma catarse coletiva. Um psicodrama via cadeia nacional.

O interessante é notar que esse *Teatro do Oprimido* televisionado é a oportunidade de representação dessa classe inferior, formada por pessoas feias, sujas e sem educação. Essa visão apocalíptica da miséria humana, veiculada de maneira brutal, dura e intolerável, acaba por incomodar.

Por outro lado, esse sentimento de incômodo, gerado pela veiculação de imagens chocantes e sensacionalistas, tem seu lado bom ao fazer com que o restante da população perceba a existência dessa classe baixa; ainda que ela apareça na televisão perturbando o seu jantar.

Sem dúvida alguma, a mídia detém o poder de dar visão a essa classe marginalizada, fazendo com que classes mais abastadas até se mobilizem em prol de determinados problemas. Porém, essa mobilização acaba por ocorrer quando se vê

algo duro, que assusta. Em geral, os noticiários pasteurizados do *Jornal Nacional* geram apenas um sentimento de piedade para com o povo miserável.

Programas televisivos populares como o *Programa do Ratinho* usam e abusam da espetacularização da miséria humana. As pessoas de classe baixa são claramente exploradas e sujeitas às mais diversas humilhações, sendo talvez a mais banal delas: apanhar em frente às câmeras. Contudo, esses programas são o único espaço onde essa classe de esquecidos pode relatar seus dramas e ser ouvida.

Essas pessoas sem esperança, desprovidas de um mínimo de dignidade humana, não têm mais a quem recorrer. O governo as abandonou. A polícia está contra elas. Saúde não existe. Educação, muito menos. A imprensa, em geral, não as favorece. Logo, o que lhes resta é se agarrar a figuras como a do Ratinho que, aparentemente, se preocupam com elas. No seu programa, por exemplo, as pessoas discutem desde problemas afetivos e sexuais, passando por questões judiciais, até corriqueiras brigas de vizinhos. É o espaço onde se constata até que ponto pode chegar a miséria humana. No entanto, é o espaço que essas pessoas têm para se encontrar e dividir seus problemas.

Entretanto, este espaço não lhes foi concedido apenas por solidariedade humana. As emissoras de televisão já perceberam que essa parcela da população também consome e é uma audiência em potencial.

Portanto o ato de dar voz a essa classe miserável é construído única e exclusivamente visando à obtenção do lucro. O conceito de ética está sufocado, pois qualquer valor que contraponha a idéia de lucro, não existe. Tudo está sufocado pela idéia de se fazer o lucro. O próprio sistema é o lucro e sua manutenção.

Com o surgimento das TVs por assinatura, as TVs abertas se popularizaram muito. Isso se deve à evasão das classes A, B e C para as TVs por assinatura - um nicho cultural onde consumidores de arte encontram melhores opções de programação televisiva - e à crescente facilidade de acesso ao aparelho de TV, haja vista a promoção do jornal *O Globo* em que se assinava o jornal e se ganhava um aparelho de TV.

“Só nos quatro primeiros anos do Plano Real foram vendidos 20 milhões de novos aparelhos de televisão”, revela Daniel Barbará, da agência de publicidade DPZ. A avalanche corresponde a nada menos de metade do total de 38 milhões de lares brasileiros que hoje têm uma televisão. Quem há uma década tinha no aparelho o principal instrumento de lazer fazia parte das classes B e C e assistia à programação em família. Hoje, esse telespectador é das classes C e D e vê televisão sozinho. O quadro mudou tanto que a Globo viu migrar para a concorrência nesses dez anos nada menos de 10% da audiência.”(VASCONCELLOS, 1999, p.1)

A televisão precisa absorver essa nova demanda de audiência. E isso tem sido feito através desses programas que visam suprir a carência de atenção da classe pobre. O *Ratinho*, por exemplo, veio para preencher uma lacuna deixada pelos políticos, pela mídia e pela sociedade.

Talvez o problema maior causado por programas como o do *Ratinho* - não isentando a mídia de maneira geral - seja difundir uma imagem equivocada da violência. Ao assistirmos esses programas, a primeira reação que temos é de repulsa, rejeição, pelas classes menos favorecidas justamente porque elas protagonizam um espetáculo patético e risível. A impressão que se tem é que roubos, assassinatos e tráfico de drogas só ocorrem com os pobres. No entanto,

não podemos esquecer dos grandes crimes e fraudes, estes sim responsáveis por significativos danos à nação. Só que esses casos não alimentam a mídia por muito tempo, que acaba voltando sempre a supervalorizar a violência doméstica, dificultando cada vez mais a aproximação e a solidariedade entre classes.

No que diz respeito ao segmento *gay*, este tem crescido e se fortalecido nos últimos anos de tal maneira, que atualmente encontramos na mídia uma série de produtos e serviços voltados especificamente para este público, haja vista o recente sucesso alcançado pela revista de nu masculino. O cinema e a televisão também têm se ocupado do tema, buscando, ainda que timidamente, fugir da usual abordagem do *gay* caricato.

“Um dado importante e que deve ser bastante salientado é a constituição e a complexificação crescentes de um *mercado gay* (hotéis, agências de viagem, restaurantes, etc. etc., além das tradicionais boates, saunas e assim por diante) com enorme rentabilidade. Cada vez mais, a forte rentabilidade de mercado desse novo espaço cultural e de comportamento - esse espaço de “novas possibilidades sexuais” - parece ser um fator de peso na direção do enfraquecimento de preconceitos fortemente arraigados.”(PEREIRA, p.4)

No entanto, o preconceito ainda vigora. A imprensa continua noticiando casos de espancamento de homossexuais em plena rua. Sem mencionar os casos de assassinato.

“O comportamento homossexual é ilegal em 74 dos 202 países do mundo. Em geral, a lei só cita os machos. No cômputo geral, a situação é pior na África e melhor na Europa. Em 144 países não existe apoio aos direitos de *gays* e *lésbicas*.

Entre os países onde o homossexualismo é ilegal, 53 são ex-comunistas, ex-integrantes do Império Britânico ou de cultura predominantemente islâmica. Em 56 países, existem movimentos *gay* e lésbico; em 11 deles, a maioria da população é favorável a direitos iguais para lésbicas e homens *gays*. Em 98 países, o homossexualismo não é ilegal, ainda que a idade mínima para a opção sexual seja diferenciada e não haja leis contra a discriminação. Em apenas seis países, a lei protege os *gays* e as lésbicas contra a discriminação. Essa proteção existe também em alguns estados americanos, no Canadá e na Austrália.”(SPENCER, 1996, p.366)

“O Brasil - que ostenta a fama internacional de ser uma das partes do mundo onde os *gays* e lésbicas são mais visíveis e socialmente aceitos - esconde uma desconcertante realidade: é o campeão mundial em assassinatos de homossexuais! Nos Estados Unidos, com uma população de 250 milhões de habitantes, entre 1992 e 1994, foram assassinados 151 homossexuais: no Brasil, com uma população de 150 milhões de habitantes, no mesmo período, mais de 180 *gays* e lésbicas foram assassinados, número que deve ser ainda muito maior, dada a precariedade de nossas estatísticas criminais.”(MOTT, 1996, p.100)

E é justamente uma abordagem preconceituosa que impera nos programas televisivos populares. O homossexual, na maioria das vezes, aparece como o agente da violência. Ficando sempre em segundo plano, a violência praticada contra este segmento. Existem exceções, como o caso do empresário brasileiro assassinado em 1999 num luxuoso hotel de Nova York por um garoto de programa também brasileiro. Entretanto, a forma tendenciosa como a mídia costuma tratar do assunto, leva a maior parte das pessoas a concluir que o empresário, assim como muitos outros *gays* assassinados, merecia o destino que teve. Quando não se apela para uma visão preconceituosa, o que se vê é uma abordagem risível, calcada na caricatura. Como, por exemplo, nas apresentações de travestis e *drag queens* em números de dublagem.

A apresentação colorida e espalhafatosa das *drags* associada a uma linguagem divertida acaba por dar ao espetáculo uma conotação lúdica. Esses homens - *gays* em sua maioria - ao colocarem uma peruca e um vestido com enchimentos e subirem num palco, não estão ofendendo a moral alheia, pois o que se vê é uma figura caricata, estereotipada. E a caricatura apenas diverte.

O uso do estereótipo homossexual não é nenhuma novidade na televisão. Há muito tempo que os programas de auditório apresentam números de dublagem com travestis, e desde sempre os humorísticos e as novelas brincam com a caricatura do *gay*.

No entanto, a visão sensacionalista, chocante e apelativa, estilo *mundo cão*, é mais recente na televisão, talvez até mesmo por conta da censura que vigorava no Brasil até o final da década de 80. Programas como *O Homem do Sapato Branco*, com Jacinto Figueira Júnior e *Documento Especial* na extinta TV Manchete, podem ser apontados como os precursores deste estilo de programa.

Os programas televisivos populares atuais priorizam a visão marginal do mundo homossexual, dando destaque apenas a violências sexuais ou à vida conturbada dos travestis de rua e dos garotos de programa. Os *gays* e lésbicas quando aparecem nesses programas são quase sempre homens afeminados e mulheres masculinizadas. Quando se trata de um tema sério como a parceria civil registrada, o que se vê é uma cena de casamento entre dois homens em que um deles está vestido de noiva.

Não há nada de errado em noticiar estes fatos; eles existem sim, e são notícia. O problema reside na superexposição que sofrem por parte da mídia, o que acaba levando o grande público à idéia de que homossexualidade é apenas isso.

Poucos são os programas televisivos que abordam e discutem a questão da homossexualidade de forma imparcial e sem sensacionalismo. Programas como o do *Ratinho* tratam do tema sempre pela ótica da marginalidade, do patético e do risível. O que se vê é o show de travesti ou a *bichinha* que roubou o marido da melhor amiga ou o prostituto ladrão. A certa altura, alguém sempre é esbofeteado. E no final, o apresentador busca uma solução conciliatória.

O interessante é notar que cada vez mais os temas homossexuais têm ganho espaço na mídia. Eles estão presentes nos jornais, revistas, rádio, teatro, cinema e televisão. Quanto à televisão, já há algum tempo que ela percebeu que o tema dá ibope. Mas é importante ressaltar a sua preocupação quanto à maneira de lidar com o tema. Sempre que tratado como bizarro, exótico, diferente ou anormal, o tema favorece a audiência. O que não ocorre quando o tema é abordado de maneira humana, sensível e séria.

Penso que o desconforto criado no espectador por parte dos programas televisivos populares pode ser positivo na medida que o faz se mobilizar para com determinadas questões. No entanto, o sentimento de rejeição provocado é muito mais forte, acarretando, por conseguinte, uma vitimização em massa.

No caso específico do homossexualismo, não há uma mobilização favorável, pois o desconforto provocado por esses programas apenas reafirma o preconceito.

O estudo que segue será dividido da seguinte maneira: num primeiro momento, traçarei um breve histórico dos programas televisivos populares buscando paralelamente analisar como se constrói a estrutura desses programas e como eles atuam sobre seus participantes e a massa de telespectadores. Num segundo momento, procurarei estudar especificamente a questão da

homossexualidade quando retratada nesses programas, fazendo um contraponto com outras atrações das TVs abertas.

## PARTE 2

# Breve Histórico dos Programas Televisivos Populares

## PARTE 2

### Breve Histórico dos Programas Televisivos Populares

Talvez a televisão brasileira esteja vivendo o apogeu dos programas televisivos populares. Uma programação especialmente voltada para as classes mais baixas prolifera espantosamente. Com a popularização dos programas veiculados pelos canais de TV aberta nota-se uma crescente participação popular na televisão. Cada vez mais tem-se dado espaço para os anônimos. Estes, por sua vez, abandonam, ainda que de maneira efêmera, a antiga condição e são elevados a celebridades por um dia, semanas, ou em alguns casos mais raros, meses. Como ocorreu recentemente com os participantes do *No Limite* transmitido pela TV Globo. O programa, que alcançou um IBOPE médio de 45 pontos nas noites de domingo, era uma espécie de gincana, protagonizada por um grupo de anônimos que se dispôs, a passar por uma série de dificuldades numa praia deserta para concorrer ao prêmio final de R\$ 300.000,00. Assim como a vencedora, a

cabeleireira Elaine, os demais participantes do *No Limite* tentaram aproveitar a fama repentina para se firmar na mídia ou ao menos garantir algum dinheiro a mais.

No entanto a participação popular na telinha não é nenhuma novidade. Há mais de trinta anos, Leni Pinheiro Orsida, uma jovem noiva moradora da Pavuna, subúrbio do Rio de Janeiro, participava do programa *Show Sem Limite* apresentado por J.Silvestre respondendo sobre a vida do escritor português Guerra Junqueiro. Com o dinheiro do prêmio a que concorria, a “Noivinha da Pavuna”, como ficou conhecida, almejava comprar seu enxoval e cuidar da saúde de seu pai, extremamente doente. Numa das eliminatórias ela errou a resposta e saiu do programa. Mas devido ao sucesso de audiência alcançado com a sua participação, J.Silvestre, espertamente, deu um jeito de trazê-la de volta. Concorrendo novamente, ela conseguiu fazer seu enxoval e casou-se ao vivo no palco do programa. Por dois anos foi uma celebridade. Hoje aos sessenta anos ela ainda mora no subúrbio, trabalha em duas clínicas de fisioterapia e estuda direito à noite. Ninguém mais a reconhece nas ruas.

Desde os primórdios da TV, que os programas de calouros, herdados do rádio, já se utilizavam da participação popular para garantir bons índices de audiência. Neste período foram lançados programas como *Calouros e Tele-Gongo Hepacholan* este último trazido do rádio pelo animador Homero Silva. E Ary Barroso apresentava seu programa *Calouros do Ary*, gongando e debochando dos candidatos.

O apresentador Chacrinha fazia soar sua famosa buzina sempre que alguém saía do tom no quadro *Cuidado com a Buzina*, na TV Rio. Já no programa

*Calouros no Chuveiro*, apresentado por Castrinho na TV Excelsior e Hélio de Araújo na TV Paulista, o candidato que desafinasse tomava um banho em cena. Outros apresentadores de renome como Silvio Santos, Raul Gil, Edson Curi (Bolinha) e Flávio Cavalcanti também estiveram à frente de programas de calouros. Mas nem só de gongadas e buzinas viviam esses programas, fazia parte do show acompanhar a ascensão de novos cantores como Beth Carvalho, Alcione, Emílio Santiago e Elymar Santos.

Ainda na década de sessenta Silvio Santos teria sua carreira alavancada pela participação popular em seus programas. Como o próprio apresentador faz questão de frisar ele foi um dos precursores do fenômeno “povo na TV”. Em 1969, o quadro *Cidade contra Cidade* empatou em audiência com a chegada do homem à Lua.

Jacinto Figueira Júnior criaria em 1962 na TV Record *O Homem do Sapato Branco*, apontado como programa pioneiro em dar visibilidade a pessoas desconhecidas, que narravam histórias escabrosas. Jacinto percorreu diversas emissoras, até o início da década de oitenta, sempre fiel ao estilo “mundo cão”. No ar, pessoas se esbofeteavam e a miséria humana era o espetáculo. O tom dominante era o da reportagem policial, carregada de violência e suspense, este reforçado por músicas do gênero. O cenário reproduzia uma sala de interrogatório de delegacia. Além do apresentador, o programa contava ainda com seguranças, que intervinham nos momentos de briga entre os participantes, e com um advogado que informava aos participantes dos aspectos jurídicos da discussão em pauta. Na realidade não havia nenhuma preocupação assistencial para com os participantes; a

ação visava apenas encenar um problema, cuja solução extrapolava o âmbito televisivo. O programa contava ainda com reportagens externas em delegacias, marcadas pelo tom de acusação e humilhação diante da pessoa envolvida. Um dos muitos excessos do programa foi oferecer um banquete para mendigos. Nada muito diferente dos atuais programas do gênero.

Em 1971, as TVs Globo e Tupi se envolveram em um acontecimento extremamente sensacionalista e de gosto duvidoso, em função da disputa pela maior audiência. Trata-se do caso “Seu Sete da Lira”. A mãe-de-santo Cacilda de Assis, residente no bairro carioca da Lira, que dizia incorporar o exu “Seu Sete”, se apresentou no programa de Flávio Cavalcanti, na Tupi. A mãe-de-santo levou ao palco, ex-cegos, paraplégicos e cancerosos que dizia ter curado. O alvoroço causado por “Seu Sete” foi tamanho que cinco mil pessoas ficaram na porta do teatro, o que acabou ocasionando duas mortes. Devido ao sucesso alcançado por Flávio a produção do programa do Chacrinha, da TV Globo, conseguiu veicular no mesmo dia uma nova apresentação da mãe-de-santo. Chacrinha, por sua vez, usou e abusou de sua convidada para crescer no IBOPE. A Polícia Federal acabou por apreender os teipes da grotesca apresentação. As duas TVs acabariam por assinar um acordo no qual se comprometiam a evitar apresentações sensacionalistas.

No início da década de 80 surgia na TVS *O Povo na TV*, programa liderado por Wilton Franco que contava com Wagner Montes e Sérgio Mallandro em seu casting de apresentadores. Mas a atração principal era o dublê de médium e milagreiro, Roberto Lengruher, que afirmava ter poderes de cura. Havia uma *mis-en-scène* especialmente preparada para suas apresentações. Quando o curandeiro

erguia os braços para exercer seus poderes, efeitos visuais, simulavam raios partindo de suas mãos. Utilizando-se de seu sucesso Lengruber fazia atendimentos particulares e vendia produtos com sua marca. Até que repórteres do jornal “O Estado de São Paulo” desmascararam o falso médium. Na verdade Lengruber fazia, pessoalmente, uma pré-seleção dos participantes do seu quadro. Dentre os muitos enfermos que recorriam ao programa em busca de cura, ele escolhia aqueles que, induzidos por sua eloqüente apresentação, poderiam aparentar uma repentina melhora frente às câmeras.

O mesmo programa, em dezembro de 1982, foi procurado pela desesperada mãe de um bebê de nove meses que sofria de câncer ocular. Desnorteada por não conseguir, ao longo de meses, uma internação para sua filha, a mulher recorreu à equipe de *O Povo na TV* que, ao invés de prestar socorro imediato, a manteve aguardando por três horas, até ser entrevistada. O desfecho não poderia ser mais trágico e vantajoso em termos de audiência para o programa. No ar, ao vivo, a criança sangrou pelos olhos até morrer.

À primeira vista, o programa ressaltava o seu caráter de utilidade pública, pois o que atraía as pessoas ao programa era a possibilidade de, através da TV e da sua infra-estrutura, realizar seus desejos ou solucionar seus problemas. Mas na verdade, a tragédia popular em si, não faz o espetáculo, este se constitui a partir da manipulação dos fatos por parte dos apresentadores através de discursos moralizantes e demagógicos.

Ao final de cada programa o apresentador Wilton Franco conclamava seus telespectadores a colocar um copo d’água sobre seus aparelhos de TV enquanto ele

rezava, dramaticamente, a Ave Maria. Após a oração a água, supostamente abençoada, deveria ser bebida com fé.

No início dos anos noventa estreava no SBT o polêmico programa jornalístico *Aqui, Agora*, que utilizava o sensacionalismo apelativo como estratégia para atingir a grande massa de telespectadores.

*O Pulo da Morte* foi o título da reportagem, veiculada pelo programa em 1993, que exibiu, ao vivo, o suicídio de uma adolescente de 17 anos. Ela se jogou do sétimo andar de um prédio em São Paulo. Três milhões e meio de telespectadores assistiram à tragédia às 20h30. O que significou três pontos a mais no IBOPE para a emissora.

No ano seguinte, no mesmo *Aqui, Agora*, o performático repórter Gil Gomes ao entrevistar um pedreiro desempregado que havia chacinado sua família, perguntou por que ele não cometeu o suicídio ao invés de matar sua mulher e filhos. Dias depois o homem se matou.

O programa seguiu com sucesso ao longo da década de noventa, mas aos poucos foi perdendo audiência até ser retirado da grade de programação da emissora. No caso específico do *Aqui, Agora* a perda de audiência ocorreu devido ao fato das emissoras concorrentes terem, claramente, copiado o seu formato. É a clonagem industrial na televisão.

“Uma breve análise sobre as TVs abertas no Brasil é suficiente para constatar que os programas em exibição têm se copiado mutuamente como nunca. Na busca por bons índices de audiência as redes de televisão, apostam, muitas vezes, naquilo que é sucesso garantido. A fórmula, em alguns casos, já está em exibição na concorrência, e as emissoras em raras ocasiões têm se sentido constrangidas em clonar os formatos bem-sucedidos das rivais.”( DANTAS, 1998, p.8 )

O *Aqui, Agora* deixou de ser atraente, justamente, no momento que outras emissoras lançaram clones. Carregando nas tintas, principalmente na vermelha, as emissoras adversárias conseguiram ofuscar o SBT. O interessante é destacar que o programa clonado, de início considerado sensacionalista, tornou-se por demais sofisticado para um público ávido por programas jornalísticos mais sanguinolentos.

Assim surgiram programas como *Cidade Alerta* na Record, *Na Rota do Crime* na Manchete e *190 Urgente* na CNT. Este último apresentado por Carlos Massa, o Ratinho. No programa, o apresentador, sempre segurando um cassete de 40 cm, gritava e esbravejava ao entrevistar ladrões e assassinos, exibia cadáveres em decomposição, além de clamar por justiça para os pobres. Tudo recheado com muitos palavrões.

Rapidamente a audiência do programa começou a incomodar as outras emissoras que iniciaram uma disputa pelo passe do apresentador. Saindo vencedora a Record, emissora do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus.

Na Record, Carlos Massa recebe carta branca para fazer o que quisesse, ele pôde decidir como seria o programa. Em pouco tempo *Ratinho Livre* se tornou um fenômeno de audiência, chegando a alcançar 36 pontos contra 10 da TV Globo. Mantendo o mesmo estilo agressivo, de cassete em punho, o carismático apresentador mistura em seu novo programa, assistencialismo sensacionalista e show de anomalias. Assim passam a desfilarem pelo palco casos como o da dona de casa mutilada pelo marido, da mulher que teve o antebraço devorado pelo cachorro da sogra, da criança com mais de dez tumores na boca e do homem que dizia ter ficado grávido após manter relações sexuais com outro homem – na verdade o

sujeito sofria de graves problemas mentais. Dentre as cerca de 600 pessoas que procuravam diariamente a produção do programa buscando auxílio para resolver problemas como, emprego, tratamento médico, assistência jurídica, eram selecionados os casos mais escabrosos para serem levados à telenovela.

Brigas de família também eram comuns no programa. Parentes chegavam a agressão física e verbal, na maioria das vezes aguçados pela platéia. Que por sua vez era comandada por um contra regra que ficava por trás das câmeras. Ratinho encarava tudo com naturalidade – “Até um tapão no ouvido eu acho normal, passando disso eu me meto.” (MERCATTO, 2000, p.2)

Para garantir sua excelente audiência o apresentador também utilizava-se do suspense. Casos bizarros nunca eram apresentados e esclarecidos no mesmo dia. Por vezes se estendiam ao longo de uma semana.

Foi nessa fase que se firmou o estilo justiceiro de Ratinho, o “defensor do povo sem voz”. Com seu jeito irreverente ele desafiava, no ar, aqueles que criticavam o programa – intelectuais e imprensa – assim como sua maior rival: A TV Globo.

No segundo semestre de 1998 o apresentador Carlos Massa sucumbiu às investidas de Silvio Santos e se transferiu para o SBT. O *Programa do Ratinho*, embora semelhante ao *Ratinho Livre* sofreu algumas alterações. Principalmente no tratamento dos temas populares. Ao invés de histórias escabrosas, anomalias e doenças raras, o programa passou a valorizar o humor com a criação de um show de calouros. Porém o seu caráter assistencialista não foi de todo abandonado. Muitos homens não querem assumir o filho e é feito então um exame de DNA,

onde na maioria das vezes a mãe está certa. Enfim, as mudanças acabaram sendo positivas em termos de audiência como afirma o próprio apresentador:

“De Janeiro para cá, realmente, nós mudamos muita coisa. Nosso programa era mais de atendimento social do que programa de TV, propriamente dito. E nós mudamos esse conceito, primeiro por que fomos proibidos de colocar uma série de coisas, como cenas de crianças, doenças, brigas etc. Só que foi uma mudança que veio para melhor, que nos fez usar mais um jornalismo popular, que nós vamos continuar fazendo, mesmo que falem mal da gente não tem importância. O que importa para nós é o nosso público, o povo. Vamos continuar fazendo nosso jornalismo de cobrança, de denúncia e vamos continuar fazendo um programa de entretenimento, vamos misturar as duas coisas. Vamos cobrar por que não fazem poços no Nordeste, por que não se investe nos bingos, por que não se regulariza o Jogo do Bicho, um monte de coisas.”(MERCATTO, 2000, p.2)

No depoimento de Carlos Massa ficam claras as mudanças no seu programa assim como a manutenção do seu estilo justiceiro. Atualmente o programa conta com quatro quadros que evidenciam o estilo. No quadro *Jornalismo Denúncia* a equipe de reportagem de Ratinho investiga denúncias feitas pela população. Em *Defesa do Consumidor* os repórteres checam denúncias feitas pelo consumidor e procuram resolver junto aos órgãos responsáveis os problemas. O *Fórum de Pequenas Causas* aborda casos de pendências entre vizinhos, amigos, parentes, e passa para uma equipe de advogados que buscam resolver os casos. Já em *Casos Médicos* Ratinho ajuda pessoas que não encontram atendimento em hospitais públicos e que não têm dinheiro para custear um tratamento médico. O programa atende estes casos e procura encaminhar para um atendimento ou tratamento. E toda vez que vai entrar um comercial, o programa exhibe a foto de uma pessoa desaparecida. Enfim, talvez o maior responsável pelo sucesso de Ratinho seja a sua

aura de justiceiro aliada a uma boa dose de carisma pessoal, haja vista a boa audiência alcançada pelo programa mesmo com a saída dos casos bizarros.

Com a transferência de Ratinho para o SBT, a Record tratou de arrumar um substituto. No seu lugar entrou Gilberto Barros para comandar o *Leão Livre*, programa que privilegiava o jornalismo sensacionalista, no qual não eram raras as brigas de família, vizinhos, e pessoas com anomalias físicas e mentais.

Bem semelhante ao seu antecessor. O clima pesado do programa era atenuado com atrações musicais. Com o decorrer do tempo a Record foi tirando o programa do ar. Atualmente, Gilberto Barros apresenta o programa *Quarta Total* na mesma emissora. Tendo deixado de lado o estilo sensacionalista, a nova atração tem números musicais e disputas entre casais de artistas.

O apresentador Sérgio Mallandro, experiente em programas sensacionalistas, desde *O Povo na TV*, estreou na CNT, no final de 1998, o programa *Festa do Mallandro*. O destaque do programa fica por conta do quadro *Câmera Escondida*, extremamente vulgar e de mal gosto. Contudo Sérgio Mallandro extrapolou por duas vezes o limite da vulgaridade, demonstrando total falta de escrúpulos para conquistar alguns pontos a mais de audiência. A primeira, foi forjar um tiroteio no auditório de seu programa. O desespero foi geral e a produção teve que se entender com a polícia. Pior ainda foi filmar escondido o cantor Rafael Ilha – seriamente envolvido com drogas – enquanto alguém da produção lhe oferecia um pó semelhante à cocaína. Desesperado, o cantor recusou. Mas a pessoa continuou insistindo, até que ele partiu para a agressão física. Posteriormente criticado pela

imprensa, Sérgio Mallandro se defendeu dizendo que a experiência foi positiva para o cantor e que ele até ficou agradecido com a *pegadinha*.

Foi o apresentador Fausto Silva, no programa *Domingão do Faustão*, que batizou o trote televisivo de *pegadinha*. Porém a idéia é antiga. Na década de sessenta já existia o programa *Câmera Indiscreta*. Na década de setenta a idéia fez sucesso no *Fantástico*. O programa *Tudo Por Dinheiro* do SBT até hoje apresenta quadros com câmera escondida. O apresentador Gugu Liberato já protagonizou um quadro de câmera escondida. No *Táxi do Gugu*, ele se disfarçava de motorista e dava trotes em seus passageiros. Porém, o apresentador foi desmascarado em 1996. Vários atores e figurantes afirmaram ter encenado o quadro *Táxi do Gugu*.

O ator Ivo Hollanda, famoso por sua participação no programa *Topa Tudo Por Dinheiro*, disse só ficar chateado quando a sua vítima não aceita o cachê oferecido pela produção do programa para que ela permita que a gravação seja levada ao ar.

“Atualmente, o cachê é de R\$ 50,00 e a pessoa assina um documento dando ao SBT o direito de usar sua imagem durante dez anos.”(MOREIRA, 2000, p.7)

O valor do referido cachê é um exemplo de quão exploradas são as pessoas que participam das *pegadinhas*. Principalmente, se levarmos em conta os dez anos de direito de imagem. Sabiamente, as produções armam essas brincadeiras com pessoas de nível econômico mais baixo que, geralmente, aceitam o cachê por razões óbvias. Estimuladas ainda pela chance de viverem o seu momento de fama aparecendo na televisão.

Na Rede TV, o humorista João Kleber apresenta o programa *Te Vi na TV*. Recheado de *pegadinhas* o programa utiliza-se da falta de estudo e ignorância de boa parte da população para fazer piada. Por exemplo, o povo nas ruas responde a pergunta: Você deixaria a sua esposa fazer um exame de próstata com um médico? As respostas são as mais absurdas possíveis. Os homens entrevistados sequer sabem o que é próstata. O que deveria ser preocupante vira motivo de riso fácil. As *pegadinhas* são entrecortadas por números musicais e a atração conta ainda com o *talk show* da Charlote Pink, uma *drag queen* interpretada pelo próprio humorista que capricha nas entrevistas, supostamente, polêmicas e picantes. Destaque para a garçonete do programa, um travesti, que serve os convidados trajando um sumário biquíni.

Existem ainda os programas televisivos populares mais direcionados para o público feminino. O extinto *Márcia* transmitido pelo SBT tinha em seu comando a apresentadora Márcia Goldshimidt que promovia semanalmente discussões de temas variados e polêmicos, com a presença de pessoas que estavam vivenciando o tema abordado. Os participantes, em sua grande maioria, eram pessoas extremamente humildes e por vezes ignorantes. O programa sempre resvalava em agressão física. Ao final um psicólogo expunha sua opinião sobre o tema. Havia também uma assessoria jurídica para determinados casos. Já na extinta TV Manchete havia o *Magdalena Bonfiglioli*, uma espécie de *Márcia* sofisticada. A cada semana era abordado um tema polêmico, sendo que não se apelava tanto para brigas e bate-bocas. Ter uma mulher no comando de um programa desse gênero é uma forma de suavizar o seu impacto, dando a atração uma cara mais familiar. Há

ainda o programa de Sílvia Popovici na TV Bandeirantes. Diferentemente de suas colegas apresentadoras ela aborda temas polêmicos sem apelar para o sensacionalismo. Pelo contrário, ela o faz da maneira mais coloquial possível, como se fosse um bate papo informal. E assim Sílvia trata de adultérios, taras, preferências sexuais, drogas, etc.

Mas o fenômeno televisivo feminino ainda é Hebe Camargo. Presente na tela desde sua inauguração, a apresentadora sempre foi sucesso. Atualmente trabalha para a emissora de Silvio Santos, mas já esteve em várias delas. Entre os anos de 1966 e 1974 seu programa na TV Record chegou a alcançar a incrível marca de 72 pontos no IBOPE. Agora os tempos são outros, mas a concorrência acirrada não eliminou Hebe do páreo. Semanalmente ela apresenta ao vivo seu programa no SBT, que tem o mesmo formato há anos. Pelo seu legendário sofá passam modelos, artistas de TV, esportistas e políticos. Com seu jeito espontâneo, que vai do riso ao choro com facilidade, Hebe trata dos mais variados temas, seja política internacional ou o maquiador preferido das estrelas. A apresentadora que é amiga de políticos como Paulo Maluf, teve seu programa, no início dos anos noventa, impedido pela emissora de ir ao vivo por algumas semanas, devido às consecutivas críticas que fazia aos governantes. Embora seu programa não seja sensacionalista, ele segue a linha popular, pois a apresentadora além de satisfazer a curiosidade do público quanto à vida particular dos artistas que entrevista, de vez em quando, ela banca a defensora dos pobres. Certa vez, Hebe vestida de gala e com jóias verdadeiras deslocou-se do auditório em que apresentava o programa até a favela de Vila Prudente para ouvir as queixas e reclamações dos moradores. A

veterana apresentadora que recebe, entre salários e merchandising, cerca de 500.000 reais por mês do SBT, fechou contrato para licenciamento de 45 produtos, cujo faturamento anual deve ficar em torno de 40 milhões de reais.

Os programas *Domingo Legal* apresentado por Gugu Liberato no SBT e *Domingão do Faustão* apresentado por Fausto Silva na TV Globo protagonizam a mais acirrada disputa pela audiência nas tardes de domingo. Em função da batalha pela liderança de audiência, esses dois shows de variedades, ao longo de alguns anos de disputa, já exibiram sensacionalistas, grotescas e vulgares atrações.

Influenciados pelo uso do aparelho que possibilita a medição instantânea do IBOPE – verificando que atrações, com segurança, aumentam a audiência e quais a derrubam – os apresentadores podem estender ou encerrar rapidamente uma determinada atração em função da audiência.

O apresentador Fausto Silva levou ao seu programa o adolescente Rafael Pereira dos Santos, chamado de *Latininho* por imitar o cantor Latino. O rapaz portador da Síndrome de Seckel, medindo 87 cm de altura permaneceu no ar por 37 minutos, período em que foi alvo de brincadeiras de gosto duvidoso.

Cada atração grotesca de Fausto era rebatida por uma à altura por Gugu. Este apresentou em seu programa os irmãos lobisomens. Dois mexicanos portadores de hipertricose. Chamados de *Los Peludos*, os rapazes eram cobertos de pêlos da cabeça aos pés.

Enquanto Fausto atacava com o *sushi erótico* - quadro em que atores globais saboreavam comida japonesa servida sobre o corpo de uma modelo nua – Gugu respondia com o quadro da banheira, no qual artistas, em trajes de banho,

tentam pegar sabonetes numa banheira, dificultados por uma modelo também em trajes sumários.

Uma foto na qual se questionava a aparição sobrenatural do cantor João Paulo – falecido em um acidente de carro – alimentou a disputa entre os dois programas. Fausto Silva tinha o negativo e o veiculou buscando não ser por demais sensacionalista. Mas, no mesmo dia Gugu conseguiu uma cópia da foto e também a colocou no ar. Gugu ousou mais, chamou parapsicólogos e discutiu exaustivamente sobre a foto. Acabou por liderar a audiência nesse domingo.

No entanto os dois apresentadores já se deram conta de que nem só de sensacionalismo se faz a audiência. O filão “povo na TV” está sendo cada vez mais explorado por Fausto e Gugu. Este último conseguiu um de seus melhores índices de audiência quando se disfarçou de mendigo e foi pedir esmolas nas ruas de São Paulo. Até que recebeu ajuda de um mendigo de verdade, que lhe deu algum dinheiro e o que beber. Posteriormente Gugu tirou o homem das ruas, o levou ao seu programa e lhe deu uma casa mobiliada.

Fausto por sua vez investiu na carreira de cantor de um desconhecido rapaz que foi até seu auditório pedir uma chance. Mano Júnior gravou um CD, vendeu 55.000 cópias e Faustão liderou a audiência.

“ A fim de saber com exatidão o que estava por trás desses números, a Globo realizou um estudo no final do ano passado. Constatou-se, então, que 88% dos espectadores queriam ver prioritariamente “o triunfo do anônimo consagrado através da aparição na tela da TV”, para usar a linguagem empolada e redundante desse tipo de pesquisa.”  
( MARTHE, VALLADARES, 2000, p.109 )

O resultado da pesquisa originou uma modificação no *Domingão do Faustão*. Atualmente o programa conta com novos quadros. Todos no estilo “povo na TV”. Num dos quadros, o *Rala Peito*, a equipe do programa instala um microfone nas ruas e qualquer pessoa pode se apresentar para as câmeras, cantando, dançando, mandando recados para parentes ou cobrando dívidas. Sendo que Fausto Silva não tem se encaixado muito bem dentro desta nova proposta. Desde os tempos do Programa *Perdidos na Noite* que Faustão é reconhecido por seu estilo desconcertante, despachado e irreverente. A mudança de estilo que lhe vem sendo imposta não o tem favorecido. Pelo contrário, o apresentador tem se mostrado sem graça quando o assunto é apelar para emoção de seus entrevistados. Por exemplo, ao entrevistar Ilma, uma das participantes do programa *No Limite* - que serviu, devido ao seu estrondoso sucesso, para alavancar a audiência de outros programas da emissora como o *Caldeirão do Huck*, que promovia disputas entre os familiares dos participantes do programa, e do próprio *Domingão do Faustão* - que tem um filho que não via há 36 anos, o apresentador ficou completamente sem jeito. Constrangido, ele buscava a todo instante justificar a presença de Ilma.

Se o propósito é provocar lágrimas no espectador, não pode haver constrangimento por parte do apresentador. Essa é uma regra que Gugu Liberato segue a risca. Com um jeito mais comportado e familiar o apresentador do SBT ganha a audiência por saber explorar melhor as atrações lacrimosas.

Concorrência acirrada a TV Globo também trava aos sábados à tarde com a TV Record. O veterano apresentador Raul Gil, que no final da década de oitenta chegou a ficar desempregado, é líder absoluto no horário. Preocupada com a perda

de audiência a Globo criou um programa musical bem popular, o *Samba, Pagode & Cia.*, que contava com a presença de astros destes gêneros musicais. Mas o investimento foi inútil. A atração global em nada afetou a audiência de Raul Gil. Elegeram, então, o jovem apresentador Luciano Hulk, que antes fazia sucesso na TV Bandeirantes, para enfrentar o apresentador. O *Caldeirão do Hulk* é um programa visualmente bem cuidado, que faz o estilo jovem e dinâmico, com vários números musicais, competições entre artistas, além de matérias esportivas. Embora não faça tão feio quanto seu antecessor, até agora não conseguiu desbancar o apresentador da Record. O *Programa Raul Gil* segue a linha dos mais tradicionais programas de auditório, com show de calouros mirins, atrações musicais e brincadeiras com participação de artistas, como o já famoso quadro do chapéu, em que uma celebridade diz para quem tiraria ou não o chapéu. Um fato, que ocorreu recentemente no programa do Raul, serve como objeto de análise de quão “popular” têm se tornado os programas de TV e quem são os “astros” que estão na mídia. Leia-se popular como grau de instrução e escolaridade do povo brasileiro. A dançarina Sheila Mello, do grupo baiano *É o Tchan*, participava de uma brincadeira com Raul em que ela deveria dizer uma coisa que existe na sala de aula e que começa com a letra C. No que Sheila prontamente respondeu: Circunflexo. Frente à incompreensão do apresentador, ela rapidamente explicou que circunflexo era o aparelho que as crianças usavam para desenhar círculos. Este é apenas um exemplo de como as TVs abertas têm, cada vez mais, dado espaço para personalidades criadas pela mídia - em geral, pessoas humildes e de pouca instrução - e quão negativo pode ser tal ato.

O crescimento da concorrência no mercado televisivo pode ser explicado pela significativa melhora alcançada por emissoras como SBT e Record, que aos poucos, estão acertando na criação dos programas e montagem da grade de programação. Essas mesmas emissoras aumentaram seu raio de atuação.

“Cinco anos atrás, a Globo cobria 99% dos lares, enquanto a Record, por exemplo, só alcançava 4% dos domicílios. Nesse período, a Globo até por estar perto do topo, cresceu menos, para 99,7%, e a Record atingiu 75%. O SBT por sua vez, já é visto em 97% do país.” (MARTHE, VALLADARES, 2000, p.111)

Verifica-se ainda que as demais emissoras, concorrentes da Globo, acabaram por se adequar primeiro à popularização da TV aberta. Adquirindo um *know how* no que diz respeito à comunicação com as camadas mais populares.

Preocupada com o sucesso dos programas de jornalismo sensacionalista das emissoras concorrentes a Globo lançou no início de 1999 o Programa ***Linha Direta***. A atração estreou sob o comando do jornalista Marcelo Resende – atualmente é apresentado pelo também jornalista Domingos Meirelles. O programa narra histórias verídicas, em geral crimes bárbaros e violentos, com reconstituição de cenas e exibição das fotos dos bandidos e assassinos foragidos. A interatividade é a marca do programa. O telespectador que tiver alguma pista pode participar anonimamente via telefone. Quando algum caso é esclarecido, há uma matéria especial que, via de regra, mostra a prisão do bandido e o confronto dos familiares das vítimas com o mesmo. Em um ano de programa, 55 criminosos foram denunciados e localizados.

O formato do *Linha Direta* é uma cópia de um programa da BBC, que já foi imitado em diversos países. O interessante é destacar que a TV Globo lançou o mesmo *Linha Direta* em 1990, sob o comando do jornalista Hélio Costa e, no entanto, o programa não obteve sucesso. Tendo sido excluído da grade de programação ao final de quatro meses.

Já a sua reedição, nove anos depois, obteve sucesso imediato. Muito embora, programas sensacionalistas tenham sempre feito parte da programação da TV brasileira, eles encontraram seu apogeu a partir da metade da década de noventa. O sucesso da segunda edição de *Linha Direta* deve-se ao fato dele ressurgir no momento em que programas como o do Ratinho conquistam a audiência. O *Linha Direta*, quando lançado pela primeira vez, não se encaixou dentro do perfil da emissora, famosa pelo “padrão Globo de qualidade”. O seu público, que era outro – pois as TVs por assinatura ainda ensaiavam seus primeiros passos - tinha a emissora como uma referência de programação sofisticada. Assim a atração acabou rejeitada por destoar do restante da programação. Mas a TV Globo soube, espertamente, ressuscitar o programa no momento adequado.

É interessante notar que o fenômeno da popularização atingiu até mesmo a MTV. Surgida no ano de 1990, com um perfil claramente segmentado, a emissora dirigia se ao público jovem, ouvinte de rock. Mas em poucos anos, a MTV percebeu que para se manter no mercado precisava ser mais flexível. Atualmente, a emissora também dá espaço a música popular brasileira, além de ter atrações como o recém lançado programa *Fica Comigo*, uma versão *moderna* do famoso *Namoro na TV* apresentado por Silvio Santos desde a década de setenta.

Por fim, existem ainda as emissoras que concentram atrações religiosas em sua programação. Atualmente a Rede TV, a TV Bandeirantes, a CNT, e a Record investem no filão religioso. Os programas veiculados por estas emissoras são de origem evangélica, e espertamente buscam atingir os setores mais humildes da audiência utilizando-se dos mesmos artifícios que os programas de auditório, como o do *Ratinho*.

*A Igreja da Graça em Seu Lar* é transmitido pela Rede TV diretamente de um templo evangélico que acaba por adquirir conotação de auditório, na medida que o dublê de pastor e apresentador comanda o culto-espetáculo do alto do altar-palco, pregando, ouvindo testemunhos de fé, dando voz a pessoas aflitas, exorcizando demônios, e divulgando o número da conta bancária da igreja que recolhe o dízimo. Tudo isso entrecortado por canções religiosas entoadas com fé pelo auditório de fiéis. Assim, percebe-se neste programa todos os elementos dos programas televisivos populares, o assistencialismo, ao ouvir os dramas alheios e supostamente indicar uma saída – a conversão à igreja; o sensacionalismo, ao narrar fatos escabrosos e apresentar cenas de exorcismo; o lazer e a diversão através da música, e por fim o apelo religioso, indispensável a qualquer programa que lide com camadas inferiores da sociedade.

Vale ressaltar que muitos programas de TV, mesmo não possuindo um caráter explicitamente religioso utilizam-se de figuras da mídia religiosa para alcançar audiência. Como é o caso do padre Marcelo Rossi, um fenômeno religioso, que frequenta vários programas de auditório, como *Domingo Legal* do SBT, *Planeta Xuxa* e *Domingão do Faustão* da TV Globo.

Enfim, o primordial é perceber que um programa como o *Domingo Legal* que apresenta o padre Marcelo Rossi, tem como uma de suas principais atrações o quadro da banheira no qual, artistas, em trajes de praia, se embolam para pegar sabonetes. Ou ainda que a CNT após apresentar um programa de evangelização com o pastor RR. Soares veicula filmes nada religiosos, televentas, e de madrugada o programa *Puro Êxtase*, com mulheres nuas. Assim, conclui-se que, de maneira geral, não há um critério na montagem da grade de programação das emissoras. Ou melhor, o único critério é o lucro, passando a importar apenas, o quanto cada atração pode significar em termos de audiência.

## PARTE 3

### A Estrutura dos Programas Televisivos Populares e a Sua Proliferação no Mercado Televisivo

## PARTE 3

### A Estrutura dos Programas Televisivos Populares e a Sua Proliferação no Mercado Televisivo

Enfim, os programas citados são talvez alguns dos mais representativos do gênero popular que fizeram ou ainda fazem parte da programação televisiva brasileira. No ano em que se comemora os cinquenta anos da televisão no Brasil e se percebe o predomínio do elemento popular na telinha torna-se interessante analisar o percurso da programação televisiva brasileira ao longo desses anos.

No início, eram pouquíssimos os domicílios que possuíam televisão. Eram tão poucos que, quando foi inaugurada, Assis Chateaubriand, dono da TV Tupi, instalou televisores na Praça da República, no Jockey Club e outros pontos estratégicos da cidade de São Paulo para que o povo pudesse assistir ao evento. Nesta época, o acesso à televisão era basicamente exclusividade da classe A, pois o aparelho era caro e não era um artigo de primeira necessidade. Além do que vivia se ainda a era de ouro do rádio. Um fenômeno popular.

Com o passar dos anos o preço do aparelho foi se tornando mais acessível e passou a atrair o público da classe B e posteriormente as classes C, D e E.

No começo, a televisão exibia uma programação sofisticada – teleteatros, casos especiais inspirados na dramaturgia nacional e internacional, concertos, óperas e balés – pois o seu público alvo era a elite. Público este que, por sua vez, podia despertar o interesse dos anunciantes, fundamentais para a consolidação da TV nos seus primeiros anos.

Em 1994, o advento do Plano Real causou uma série de transformações no perfil da indústria cultural brasileira. Com a redução da inflação, grande parte da população – as classes C, D e E – passou a fomentar o mercado de compras a crédito. Segundo Gonçalves (1998, p.5) quatro anos após o lançamento do Plano Real, “6,3 milhões de domicílios já haviam recebido seu primeiro televisor; Tendo sido vendidos 28 milhões de aparelhos.”

Há ainda os dados do IBGE que, apurados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios( PNAD) mostra que

“o número de pessoas com renda familiar mensal igual ou inferior a R\$ 330, em todo o país, caiu de 73,1 milhões, em 1992, para 53,6 milhões. No mesmo período, o número de pessoas com renda familiar mensal entre R\$ 330 e R\$ 1.300 elevou-se de 45 milhões para 58,7 milhões.”(RONDELLI, 1998, p.37)

Assim tornou-se imprescindível criar uma programação que atraia, justamente, a população compradora de mercadorias a prestação. Para que as emissoras, por sua vez, possam vender espaços publicitários para as lojas que fazem vendas a crédito.

É possível também concluir que essa significativa parcela de novos telespectadores é composta por pessoas que não têm outras formas de entretenimento devido a uma renda familiar incipiente. Além do que, grande parte deste novo público é formado por analfabetos e semi-analfabetos.

As emissoras, visando a verba dos anunciantes, buscam detectar o que esta nova e significativa parcela de telespectadores quer assistir. Haja vista, de acordo com dados fornecidos pelo IBOPE, e destacados por Elizabeth Rondelli (1998, p.41) “as classes A e B somadas constituem apenas 24% da população, estando os 76% restantes situados nas classes C, D e E.” Assim, alguns desejos e anseios são pinçados junto a estas classes e posteriormente convertidos em atrações que podem ou não serem aceitas pelo público.

E de um modo geral o que se percebe na programação destinada a este segmento da audiência é a exploração dos dramas alheios e do bizarro. Cabe nos tentar entender o por que da opção por esta vertente. De início, seria impossível condenar o espaço dado às pessoas de camadas sociais menos favorecidas de se expressar. Essa classe, por vezes excluída, tem encontrado em programas populares um meio de veicular seus anseios e necessidades. Ainda que a divulgação e exposição na mídia dos dramas desta classe, vista como ignorante, feia e vulgar, possa incomodar segmentos de público mais intelectualizados.

Tal atitude seria muito louvável, se por trás dela não se visasse à obtenção do lucro. Assim, a exposição ao ridículo é o preço que este público paga para ter acesso à mídia.

O apresentador Carlos Massa, sabiamente, busca promover uma identificação do público para com a sua figura. Ele não cansa de dizer que é um *pé*

*de chinelo*. Sempre lembrando à platéia sua origem humilde: Filho de um pedreiro e de uma dona de casa, ele é o segundo de uma família de cinco irmãos. Teve uma infância pobre. Trabalhou como lavador de cadáveres, palhaço de circo, vendedor de laranjas, vendedor de churrasquinho na rodoviária. No entanto, hoje ele é um homem rico e de sucesso. Recebendo mais de um milhão de dólares por mês. Um “exemplo” a ser seguido. O pobre que venceu na vida. “Se ele conseguiu vencer, porque eu não conseguirei?” - é a pergunta que não sai da mente de cada um de seus espectadores, mesmo que inconscientemente. A estratégia de identificação também passa pela linguagem. O português do apresentador é tão precário quanto o de sua platéia. Outro elo de identificação usado por ele é a religião. Ratinho se diz um homem religioso e respeita as religiões em geral, com exceção dos cultos afro-brasileiros. Apelando para a fé religiosa do povo, o apresentador faz as vezes de líder espiritual a buscar justiça para a sua audiência composta por sofrendores de Cristo. É uma espécie de Antônio Conselheiro dos anos 90.

No entanto, o sucesso de programas protagonizados pelo povo não depende apenas de um processo de identificação bem estruturado. Ele conta também com o voyeurismo sádico de boa parcela dos telespectadores. O público gosta de ver o outro caindo, se machucando, fazendo papel de idiota, ou melhor, de palhaço no circo pós-moderno que se tornou a televisão.

“Não se pode esquecer a força da representação generalizada da TV enquanto *la zer*, ou seja, enquanto algo de que as pessoas se valem para se “distrair”, em momentos de “descontração” e “descompromisso” com relação a informações e problemas mais “pesados”. O que se parece esperar é algo “leve” e de “fácil” absorção, pelo menos no que se refere ao modo pelo qual os problemas são apresentados.” (MIRANDA & PEREIRA, 1983)

O justiceiro encarnado por Ratinho é uma figura extremamente contraditória. Se por um lado, ele age positivamente dando voz a uma classe de excluídos; por outro lado, ele os humilha e os incita à violência. Mas como condenar o apresentador que faz um programa claramente sensacionalista se, em outros programas, em que a pobreza e a violência aparecem de forma atenuada, também nota-se um apelo sensacionalista? Um exemplo foi a reportagem com o *Maníaco do Parque* - motoboy que assassinou uma série de jovens em São Paulo - veiculada pelo Fantástico no final de 1998. A longa matéria, embora não contivesse cenas de violência, foi de mau gosto, chocante e tristemente apelativa. Fruto da incansável briga das emissoras pela audiência.

“Fato relevante na cultura contemporânea, em quase todo o mundo, é a presença - francamente obsessiva da violência na mídia. Ubíqua, destacada, repetitiva, banalizada, explícita, quase obscena às vezes - a violência reitera-se no noticiário e exacerba-se no espetáculo. Assim a violência institucionalizada na mídia, institucionaliza a vitimização na sociedade.”(PACHECO, 1990)

A parcela da população que participa desses programas - seja ingenuamente em busca de ajuda, ou a procura de uma efêmera notoriedade, ou em troca de um cachê, ou ainda apenas como espectador - acaba por se tornar vítima de si mesma e do espetáculo do qual faz parte.

“A violência na televisão e suas gradações provoca a vitimização em massa. A questão da violência na TV é mundial. As pessoas reclamam dela sem perceberem que elas próprias são ao mesmo tempo a causa e o efeito do problema.”(FILHO, 1992)

A estrutura dos programas televisivos populares leva os telespectadores a um tipo de comportamento que torna-se na verdade, um círculo vicioso. Pequena parcela do público detém um nível de esclarecimento para perceber a manipulação exercida pela TV. Esses programas, principalmente os de auditório, lançam mão da boa fé do público, seja do que assiste pela TV como do que participa no estúdio. Dramas individuais são, por vezes, levados à tela de maneira grosseira e chocante. E a platéia televisiva, composta pelas classes C, D e E, é ingênua e ávida por rir. Sendo que, o público desses programas acaba por rir de sua própria realidade, que vê representada na tela por pessoas que, por ingenuidade, fama ou dinheiro resolveram se submeter a esse tipo de exposição.

O predomínio desta forma sensacionalista de abordagem pode também, em parte, ser explicado pelo fato de que a televisão não foi, ao longo dos seus cinquenta anos de existência no Brasil, fundamentalmente utilizada como um veículo de educação e cultura.

À despeito do IBOPE e da audiência, a excelência e a qualidade de programação sempre foi a meta primordial das TVs públicas brasileiras, que têm na TV Cultura de São Paulo e na TV Educativa do Rio de Janeiro seus expoentes.

“Como prestadora de serviço público, a TV Cultura há de ter o ritmo da reflexão e não o ritmo do mercado. Voltar-se para os interesses do cidadão e não do con-

sumidor. Propor o conhecimento em lugar da hipnose. Desenvolver o gosto dos valores e não a submissão à moda. Formar todos os homens e o homem todo pois deve instruir adultos e crianças nos conhecimentos da vida e da sociedade por meio da educação, da cultura e da informação. Uma televisão educativa sem didatismo e que educa através do entretenimento, da ética e da estética dos valores. Por isso mesmo a programação cultural visa divulgar os valores criativos da sociedade e não apenas os valores artísticos consagrados no mercado comercial da arte.” (LIMA, 1998, p.5-9)

Contudo as TVs públicas nunca alcançaram sucesso junto a grande massa de telespectadores por sempre disporem de um baixo orçamento público, associado à proibição de veicularem publicidade. Assim, mesmo oferecendo uma excelente programação elas têm se tornado desinteressantes para o grande público, o que se percebe através dos poucos pontos que conseguem no IBOPE.

A televisão, ao longo de todos esses anos, acabou, cada vez mais, deixando de lado a função de difusora de educação e cultura para privilegiar a veiculação de entretenimento e informação telejornalística.

“ Os telejornais que constituem hoje o mais difundido meio de informação do mundo estão cada dia mais iguais. A pauta surge misteriosamente na manhã dos editores. Em geral não são as que mais interessam ao público. Servem, pelo contrário, aos interesses econômicos, políticos, ideológicos e mesmo religiosos. Mas se a pauta é a mesma, o conteúdo é análogo, exacerbando-se o negativo, o dramático e o consumível em função dos índices de audiência de cada emissora. Do telejornal, o público retém parca memória, em boa hipótese 20% das notícias. Então repetem-se compulsivamente as notícias que interessa ao meio, transformando-se o fato repetido em idolatria e verdade absoluta.” (LIMA, 1998, p.1)

Percebe-se também o grande interesse do público pelas atrações que visam o mero entretenimento. Números musicais, brincadeiras, competições, novelas,

humor e filmes continuam liderando o ranking da preferência popular. Até mesmo na TVs por assinatura, onde o telespectador dispõe de uma gama variada de opções de programação, seja informativa e/ou cultural, detecta-se uma forte predileção pelos canais de entretenimento.

“Pesquisa realizada em 1997 pela agência DPZ e pelo Instituto Retrato com assinantes da TVA, Net e Multicanal, apontou os canais favoritos dos pacotes: 95% dos assinantes da TVA entrevistados disseram preferir o canal de filmes HBO 88% ficaram com o HBO2, e o Discovery, canal de documentários culturais, ficou com 66%. Com 85% de preferência, o Telecine foi o primeiro colocado entre os assinantes da Net e da Multicanal. O segundo lugar ficou com a Fox, 80%. O terceiro com o GNT, 71%.”(RONDELLI, 1998, p.40)

O auto índice de assinantes das TVs que transmitem programas de sexo explícito também reitera a preferência do público por uma programação mais popularesca.

Outro fator que contribuiu decisivamente para a popularização da programação dos canais da TV aberta foi o surgimento, no início da década de noventa, das TVs por assinatura no país. Assim como a Internet, ainda que, em menor escala. Mas em breve ela estará disputando o mercado das classes A e B com as TV por assinatura, pois já se é possível assistir filmes pela rede.

Como, para ser assinante de uma TV, é preciso o pagamento de uma mensalidade, não bastando mais possuir apenas o aparelho para ter ao seu dispor uma programação televisiva, este novo mercado de TV ficou relegado às classes mais altas. Uma vez que, o preço de uma assinatura pode variar de R\$ 30, a R\$

100.O alto custo das mensalidades se deve aos gastos com implantação e manutenção dos serviços, mas a tendência é que os valores caiam com o passar dos anos.

Com as TVs por assinatura surge um novo perfil de consumidor. Aquele que paga para ter novas opções de programação. Assim como a televisão, nos anos cinquenta, era um privilégio da classe A, a TV por assinatura o é atualmente. Ser assinante de TV tornou-se, além de tudo, um sinônimo de sofisticação e status.

Verifica-se, também, que devido à vastíssima programação dessas TVs o espectador passa a ter um poder de decisão muito maior do que o espectador das TVs abertas. Além de optar - leia-se pagar - por uma assinatura, ele escolhe qual TV quer assinar e que pacote de canais quer deseja adquirir.

Embora as TVs por assinatura ainda ocupem um pequeno espaço no mercado, vislumbram-se grandes possibilidades de ampliação, captando, assim, uma significativa fatia da verba publicitária. Apesar de privilegiar a segmentação e a diversidade cultural, é bem possível que acabem sucumbindo ao esquema das televisões comerciais e se popularizem para satisfazer à demanda de um público globalizado e estigmatizado pela busca desmedida de bens de consumo, anulando, por conseguinte a possibilidade de manutenção de um espaço de representação da diversidade social e cultural.

“A plataforma populista da televisão aberta não se deve apenas à enorme ampliação do mercado de aparelhos. Deve-se à crença de que não haverá muito espaço para tantas televisões pagas, e quem não estiver em primeiro lugar poderá não estar nem no último no limitado pasto das verbas. Isso consolida um processo de definição do perfil da televisão aberta no Brasil, função direta do ritmo exigido pelo mercado e pela fantasia do telespectador, aguçada pelo desejo ilimitado de consumir bens inacessíveis. O único bem consumível é o desejo proposto pela própria televisão.”(LIMA, 1998, p.1)

Problemas econômicos e financeiros que vêm atingindo as emissoras de televisão nos últimos anos podem também explicar a popularização dos programas televisivos. Até mesmo a TV Globo, considerada líder no mercado das TVs abertas, anda diminuindo gastos. O corte do transporte gratuito para funcionários, a diminuição das horas extras, e pacotes de demissão, foram algumas das medidas tomadas.

Assim, as TVs acabam por direcionar seus investimentos para atrações que possam exigir um baixo custo de produção associada à possibilidade de lucro fácil. Desta forma têm proliferado os programas de auditório.

Até mesmo porque a relação custo/benefício de um programa como este é bastante rentável. Em geral, gasta-se cerca de 25 milhões de reais na produção de uma novela que dura em média seis meses e pode render até 40 milhões. Um programa de auditório de sucesso, nos mesmos seis meses, gasta 6 milhões e rende 30 milhões. Embora se verifique um faturamento inferior ao de novela, o seu custo/benefício é superior.

“ Além de baratos, programas de auditório são facilmente substituíveis. Se um não dá certo, pode-se trocá-lo aproveitando elementos do anterior. - José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, consultor da Rede Globo”  
(VALLADARES, 1999, p.113)

A importância da manutenção dos programas de auditório, que seguem o estilo popular, pode ser confirmada ao se verificar os astronômicos salários dos apresentadores dos referidos programas.

Em matéria intitulada *A Nova Cara da TV* publicada pela revista *Veja* em setembro de 1999, destaca-se que até meados da década de noventa a novela era o produto televisivo mais rentável. Por conseguinte seus galãs eram os profissionais de TV mais bem pagos. No entanto a partir de 1997 a televisão passou a viver a era dos apresentadores. Com salários bem superiores aos das estrelas das novelas – chegam a faturar mais de 100 mil reais por mês – pessoas, até bem pouco tempo, desconhecidas do grande público e em sua maioria sem nenhuma formação especial ocupam lugar privilegiado no mercado televisivo.

Tal privilégio lhes é concedido, pois esses apresentadores detêm um talento fundamental no mercado televisivo: são extremamente carismáticos. E assim garantem grandes audiências que, por sua vez, atraem grandes aportes publicitários para as emissoras.

Desta forma, percebe-se que a quantia paga aos apresentadores não é tão vultuosa assim, se levarmos em consideração o montante que as emissoras de TV faturam com seus programas.

Avaliando os dados expostos é possível perceber que os canais de TV aberta seguem a passos largos em direção a uma popularização excessiva das suas programações. Relegando, assim, as classes menos favorecidas a uma programação segmentada e restritiva. Reflexo de sua condição social, cada vez mais privada de referências culturais.

Feitas essas considerações acerca do porquê da opção por uma abordagem sensacionalista e apelativa por parte dos programas televisivos populares, passaremos a um estudo específico da representação da homossexualidade na programação das TVs abertas.

## PARTE 4

A Representação da Homossexualidade

nos

Programas Televisivos Populares

## PARTE 4

# A Representação da Homossexualidade nos Programas Televisivos Populares

No dia 25 de junho de 2000, cerca de 120 mil pessoas compareceram a mais famosa avenida de São Paulo para participar da quarta edição da *Parada GLBT* (*Gay*, *Lésbica*, *Bissexual* e *Transgênero*). Depois de reunir apenas 2.000 pessoas em 1997, 7.000 em 1998 e 35.000 em 1999, o surpreendente crescimento do número de participantes nesta última edição pode ser justificado pela criação da associação da Parada GLBT que, devidamente registrada e com página na internet, convidou empresários de estabelecimentos GLS, provedores de acesso à internet e portais GLS para dar suporte financeiro em troca de propaganda na Parada. A parada GLBT é um significativo exemplo da definitiva inserção do segmento homossexual no mercado brasileiro.

Tudo começou a aflorar no início da década de noventa, quando a equipe do Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual – mostra de filmes e vídeos com uma série de títulos que tratam das mais diversas expressões da sexualidade – cunhou a sigla GLS (*Gays*, *Lésbicas* e *Simpatizantes*) com o objetivo de abranger a

diversidade de público que lotou as sessões da sua primeira edição em 1993. O conceito GLS foi logo absorvido pela mídia e acabou por flexibilizar as fronteiras do gueto homossexual. Assim qualquer um pode freqüentar um lugar ou um evento *gay* sem necessariamente afirmar uma orientação sexual.

O Mercado Mundo Mix, evento de moda alternativa, surgido neste mesmo período e destinado ao público GLS ajudou a afirmar o conceito, introduzindo no mercado uma cultura de moda, música e comportamento.

Paralelamente, é inaugurado o primeiro *site* GLS brasileiro na internet, o BBS Mix Brasil, dando origem a um território *gay* virtual, que hoje abrange inúmeros *sites* e concentra um amplo mercado para os anunciantes. Atualmente, há cerca de cinquenta *sites* brasileiros que tratam do assunto. Um deles chega a oferecer um manual de auto-ajuda para quem deseja revelar que é *gay*.

No mercado editorial verificou-se o aparecimento de jornais e revistas de teor cultural e erótico. A revista *Sui Generis*, que recentemente deixou de ser impressa e se tornou *online*, concentra uma atitude GLS, destacando-se em matérias de comportamento e cultura. Já revistas como *G Magazine* e *Homens* privilegiam o nu masculino, sendo que a primeira se tornou um sucesso editorial por exibir o nu frontal de personalidades masculinas brasileiras. Além de jornais e revistas prolifera o número de livros voltados para a temática *gay*, já havendo quatro editoras que têm selos específicos para este segmento – Rocco, Record, Siciliano e GLS.

Assim, percebe-se que o mercado *gay* cresceu e se fortaleceu de tal maneira na última década que hoje é possível encontrar boates, saunas, cinemas pornô,

restaurantes, bares, livrarias, locadoras de vídeo, agências de turismo e matrimônio, hotéis e academias destinados ao segmento homossexual. O mercado está crescendo tanto que têm surgido diferentes serviços como um cursinho pré-vestibular destinado a estudantes *gays*, dirigido por professores igualmente *gays*, curso de artes marciais de autodefesa, além de um spa para homossexuais. Até mesmo a religião foi atingida por este processo de segmentação. Em 1998, formou-se em São Paulo a Comunidade *Gay* Cristã, que realiza culto ecumênico destinado exclusivamente àqueles homossexuais que se sentiram discriminados e excluídos de suas igrejas.

Se por um lado, a segmentação pode ser positiva na medida que garante ao homossexual, espaços para exercer sua orientação sexual com naturalidade, por outro lado ela reforça a idéia do gueto *gay*, delimitando o território de livre atuação dos *gays* e confinando-os num crescente processo de consumismo.

Na última década foram verificadas algumas duras conquistas no que diz respeito aos direitos dos homossexuais como, a ação proposta, pelo grupo Nuances de Porto Alegre, onde o Ministério Público do Rio Grande do Sul conseguiu obrigar o INSS ( Instituto Nacional de Seguridade Social ) a pagar a pensão a homossexuais em decorrência do falecimento do companheiro segurado, numa liminar extensiva a todo Brasil; A determinação, do secretário de Justiça de Pernambuco, que presidiários e presidiárias homossexuais teriam direito a encontros conjugais com parceiros/as assim como têm heterossexuais; A admissibilidade no Congresso da emenda do deputado Marcos Rolim ( PT-RS ) que inclui a orientação sexual entre as formas de discriminação explicitamente

proibidas pela Constituição Federal – este item antidiscriminatório por orientação sexual já está incluído na Lei Orgânica de vários municípios e na Constituição de muitos estados brasileiros; Ou ainda a apresentação ao Congresso Nacional em 1995, pela então deputada federal Marta Suplicy (PT), do projeto de lei 1.151/95, conhecido como projeto de Parceria Civil Registrada que defendia o direito à união civil entre pessoas do mesmo sexo - devido a pequena mobilização do segmento homossexual aliado a forte oposição ao projeto por parte das bancadas católica e neopentecostal, a votação do projeto foi adiada seguidas vezes acabando por ser engavetado devido a impossibilidade de negociação.

Muito embora tais conquistas tenham concedido certa visibilidade a questão dos direitos dos homossexuais, percebe-se ainda um forte preconceito, presente na sociedade e na mídia brasileira, com relação aos *gays* e lésbicas. Até mesmo em função desta visibilidade alcançada, têm-se verificado, principalmente nos grandes centros urbanos, freqüentes agressões físicas contra homossexuais, culminando muitas vezes com a morte dos mesmos. Como no recente caso do adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35 anos, que foi espancado até a morte por cerca de trinta rapazes e moças pertencentes à gangue Carecas do ABC, na Praça da República, centro de São Paulo.

O espaço conquistado pelos homossexuais na mídia pode e deve ser encarado como positivo na medida que abre portas para um crescente fortalecimento da causa *gay*. Mas é preciso atentar para as formas como o homossexual tem sido retratado. Na maioria das vezes a defesa dos seus interesses

como cidadãos tem ficado à margem de um processo que visa traduzir a representação dos *gays* em pontos no IBOPE.

“Sobretudo após a derrocada do sistema político comunista, generalizaram-se e se radicalizaram-se as regras de consumo nas sociedades de economia globalizada, tornando hegemônicas as leis de mercado, no mundo todo. O que importa mais do que nunca é o consumo, de modo que a própria moral passou, em certa medida, a depender do mercado – como mostram as incursões “avançadas” da TV Globo na área de costumes. O casal guei da novela *A Próxima Vítima* (1995) certamente tornou-se possível por que pesquisas indicaram que o filão homossexual apresenta enorme potencial consumidor, mas também por causa do crescimento de audiência sempre que uma “coisa proibida” vai ao ar – e ainda assim, de modo asséptico, quer dizer, sem escandalizar o público com cenas “explícitas”, fartamente mostradas na telinha quando se trata de casais heterossexuais.” (TREVISAN, 2000, p.19)

No entanto, apesar de se verificar um significativo crescimento do espaço *gay* na mídia nesta última década, não é de hoje que os *gays* figuram na TV brasileira. O diferencial da década de noventa está nas novas formas de representação deste segmento. Aos poucos têm surgido novelas e programas de entrevistas que buscam apresentar o homossexual como uma pessoa bem próxima do que a “opinião pública” considera como *normal*, ou seja, uma pessoa bonita, com família, sucesso profissional, dinheiro, dignidade e auto-estima. Mas nestes primeiros cinquenta anos de televisão prevaleceram duas formas específicas de representação do homossexual. Uma, que o retrata como um elemento marginal - autor ou vítima de crimes bárbaros, quase sempre ligados à prostituição – presente principalmente em programas sensacionalistas que privilegiam o estilo mundo cão. A outra como uma figura caricata e risível, presente nos programas humorísticos e nas novelas.

Os programas televisivos populares sensacionalistas sempre fizeram uso do tema para garantir bons índices de audiência. Na extinta TV Manchete o Programa *Documento Especial* - posteriormente substituído pelo *24 Horas*, também de igual conteúdo – apresentava diversas matérias sobre homossexualidade, enfocando o dia a dia dos travestis e garotos de programa, assim como a relação com seus clientes, as preferências sexuais “exóticas” de cada um, a vida nas ruas e os problemas com a polícia. A produção de filmes pornô *gays* e a vida noturna homossexual, com visita a bares e boates, também já foram destaque no programa.

O SBT, emissora especialista em programas sensacionalistas, tem ao longo de anos apresentado atrações que valorizam o aspecto bizarro e marginal da homossexualidade. Programas como *Aqui, Agora*, *SBT Repórter* e *Programa do Ratinho* via de regra tratam do assunto de maneira apelativa.

No final dos anos oitenta, uma equipe do jornalístico *Aqui, Agora* acompanhou uma “blitz” da polícia na Sauna Alterosas, em São Paulo. Enquanto policiais armados exerciam seu “trabalho”, a câmera do programa focalizava as expressões de pavor dos freqüentadores flagrados nesta sauna *gay*.

Já o *SBT Repórter* chegou a realizar um programa inteiro sobre o casamento de homossexuais. Foram mostrados os preparativos e a cerimônia de casamento de dois casais homossexuais. O primeiro entre um rapaz e um travesti e o segundo entre uma moça e uma mulher extremamente masculinizada. Nas duas cerimônias as “noivas” trajavam o tradicional vestido e os “noivos” fraque. Após as cerimônias a reportagem acompanhava os casais até a noite de núpcias, mostrando detalhes da intimidade do casal. Em nenhum momento o programa tratou da questão da luta

pela aquisição dos direitos civis por parte de pessoas do mesmo sexo que partilham uma vida a dois. Por outro lado ele apenas reforçou o preconceito, destacando apenas os aspectos exóticos e risíveis que permeiam o imaginário do espectador médio. O mesmo programa apresentou a união de um transexual feminino com uma lésbica, ressaltando o que havia de mais bizarro no fato de um homossexual masculino mudar de sexo para então descobrir o prazer com uma mulher, ao invés de explorar uma interessante discussão sobre a diversidade do prazer sexual, seja ele entre hetero, homo ou transexuais.

O *Programa do Ratinho* também recorre, com frequência, a temática homossexual para assegurar alguns pontos a mais no IBOPE. Quando não aborda o submundo da prostituição masculina e de travestis, Carlos Massa apela para dramas familiares como o caso do pai – um homem semi-analfabeto e com sérios problemas de alcoolismo – que estuprava o filho, um rapaz com claros problemas mentais e sexuais. O apresentador explorou ao máximo o fato de pai e filho manterem relações sexuais, sem em nenhum momento investigar as causas sociais que poderiam ter levado pai e filho àquela situação. Mesmo porque o que interessa é, apenas, aguçar a curiosidade da audiência acerca de temas distantes da “normalidade” do seu dia a dia.

Quando não explora casos horríveis como este Ratinho parte para o exótico e risível como foi a matéria que realizou com um peão de boiadeiro que de noite “vira” mulher. A reportagem acompanhou o rapaz até seu trabalho, numa fazenda no interior de São Paulo e flagrou o peão vestido a caráter, montando bois, para em seguida exhibir sua “transformação”. Como se fosse a mulher maravilha o peão

rodava, até se transformar numa mulher de cabelos longos, e vestido esvoaçante. Não há nada de exótico nesta matéria, se percebemos que os *gays* não estão restritos à profissões como maquiador e cabelereiro, mas para o apresentador a escolha profissional está associada à preferência sexual. Quando não, vira exotismo.

Além de tratar da temática *gay* de maneira sensacionalista, Carlos Massa já foi acionado pela justiça de São Paulo, em 1998, por armar falsas matérias para o seu programa. Entre os casos citados estava o do balconista Josmar Ramos, que revelou à justiça que aceitou ser filmado pela produção do programa fingindo ser travesti na noite de São Paulo.

Ainda na linha sensacionalista destaca-se o programa *Festa do Mallandro* comandado por Sérgio Mallandro. Dentre as muitas *pegadinhas* de mau gosto que recheiam o programa, algumas delas tratam do homossexualismo. Certa vez Sérgio recebeu um casal de rapazes que se dispôs a participar do programa. Enquanto um dos rapazes aguardava numa sala, sem supostamente saber que estava sendo filmado, o outro era entrevistado pelo apresentador no palco. Sérgio queria saber se ele acreditava na fidelidade de seu parceiro, ao que o rapaz respondeu que sim. O apresentador então propôs um teste de fidelidade, um travesti entraria na sala e assediaria o seu namorado. O rapaz aceitou o teste convicto de que seu namorado não o trairia, pois ele era passivo sexualmente e não se interessaria pelo travesti. Por fim o rapaz acabou cedendo às investidas do travesti e os espectadores puderam acompanhar a troca de beijos e carícias entre os dois. Sérgio levou o rapaz traído até a sala para flagrar a cena e então a baixaria foi generalizada.

Outros programas como *Domingão do Faustão*, *Domingo Legal* e *Topa Tudo Por Dinheiro* também utilizam o estereótipo *gay* para criar novas pegadinhas, porém nada comparado ao nível rasteiro de *Festa do Mallandro*.

Ainda que fugindo da vertente sensacionalista, vários programas de auditório têm, há décadas, explorado o filão homossexual. Desde os anos sessenta que o animador Chacrinha brincava com a estética *gay*. Sempre cercado por suas chacretes, ele se apresentava trajando as mais diversas fantasias, tendo se vestido de mulher uma infinidade de vezes. Apontado como um dos símbolos do movimento tropicalista de 1968, Chacrinha fazia de seu programa um território anárquico onde sua famosa buzina soava sempre que um calouro desafinava. Jogava bacalhau, banana e outras coisas mais no auditório, enquanto dizia frases de duplo sentido: “Quem gosta mais de chupar pirulito: o homem ou a mulher?” e cantava marchinhas de carnaval como: “Esse menino é *gay*, é bonitinho, sabe coisas que eu não sei...” ou “Maria Sapatão, de dia é Maria, de noite é João.”

Já no final da década de setenta alguns programas de calouros como *Clube do Bolinha* com Edson Curi e *Show de Calouros* com Silvio Santos passaram a incluir uma nova modalidade de calouros: os travestis em números de dublagem. Assim as tardes de final de semana da família brasileira passaram a ser povoadas por exóticas figuras que divertiam e garantiam o riso fácil como o mais desafinado dos calouros. Silvio Santos, que manteve no ar com sucesso, até o início da década de noventa, seu programa de calouros declarou recentemente em uma de suas raras entrevistas concedida à revista *Veja* o seguinte:

“Se é um humorista fazendo papel de homossexual, de uma maneira caricata, tudo bem.

Mas quando é de verdade, eles (os telespectadores) preferem não ver. Achem que é uma apologia do homossexualismo. Eu se puder não coloco no vídeo. Mas pessoalmente não tenho nada contra.”(BRANDÃO, 2000, p.11)

As declarações de Silvio causaram polêmica e estranheza no meio homossexual pois o SBT vem ao longo de anos dando espaço para eventos e personalidades *gays*. No entanto elas apenas reforçam a idéia de que empresários de televisão como ele não estão nenhum pouco interessados na causa *gay* mas apenas na utilização de figuras simbólicas e inócuas do mundo *gay* para assegurar uma boa audiência.

O mesmo Silvio Santos, quando ainda apresentava o programa infantil *Domingo no Parque* promoveu um concurso de charadas. Uma criança de dez anos fez a seguinte pergunta: “Por que o papagaio não pega Aids? Resposta: “Porque só dá o pé.” O apresentador escolheu esta como a melhor charada do dia e ainda premiou a criança.

No programa de auditório *Domingo Legal*, o bom moço Gugu Liberato, até bem pouco tempo, abusava da presença de rapazes fortes em apertadas sungas no recém extinto quadro da banheira, visando agradar ao público feminino e ao *gay*, de tabela.

Funcionária de Silvio Santos no SBT, a apresentadora Hebe Camargo – apontada por muitos como um ícone *gay* – sempre abriu espaço para homossexuais em seu programa. Cabeleireiros e costureiros de renome têm lugar cativo em seu sofá, no entanto poucas foram as vezes que Hebe promoveu debates mais sérios sobre a homossexualidade. Atualmente a apresentadora tem se mostrado tão

deslumbrada com as *drag queens*, que realizou um programa especialmente dedicado a elas. Hebe vestiu-se de *drag* para receber rapazes que ganham a vida se apresentando como *drags* na noite paulista. Infelizmente o papo foi superficial, girando principalmente em torno de roupa, cabelo e maquiagem. Rápidos foram os momentos em que se priorizou falar sobre sexo, afetividade, família, realização pessoal e profissional.

Mas apesar de vestir a camisa de simpatizante da causa *gay*, Hebe faz parte de um grupo de apresentadores que invariavelmente resvala nos cacoetes homofóbicos. Ela foi uma das personalidades que se recusou a assinar o abaixo assinado em favor da aprovação do projeto da Parceria Civil Registrada.

Já o programa de Silvia Popovic, na TV Bandeirantes, embora aborde temas polêmicos, o faz de maneira *light*. O programa é uma alternativa para as telespectadoras avessas a receitas culinárias e fofocas. Talvez por ser uma atração destinada as donas de casa, seu auditório é comportado e educado.

A maioria dos temas abordados por Silvia são ligados a problemas sexuais, afetivos ou profissionais. E é principalmente dentro dos campos sexual e afetivo que se concentram grande parte dos temas *gays* discutidos no programa. Questões como: *Fui duplamente traída - meu namorado é bissexual, Sou casada com um garoto de programa*, ou ainda *Fui casado com outro homem por dez anos, agora que ele morreu tenho direito a sua herança?*, são apenas um pequeno exemplo dos temas tratados por Silvia Popovic.

No programa, há sempre a figura do psicólogo ou do sexólogo responsável por amarrar a discussão, sendo que a exposição do problema<sup>a</sup> de cada entrevistado

toma grande parte do programa. Assim, o tempo que resta ao profissional de análise para fazer a sua explanação é muito incipiente, o que por vezes torna a sua presença desnecessária, pois é quase impossível se fazer uma análise competente em tão pouco tempo. Principalmente em se tratando de sexualidade, um campo vastíssimo e passível de análises diversas.

Na Rede TV o humorista João Kleber apresenta o seu *Te Vi na TV*, um programa como já foi dito anteriormente recheado de *pegadinhas* de gosto duvidoso. Embarcando na esteira do sucesso momentâneo das *drags*, o humorista criou a personagem Charlotte Pink, uma *drag* que apresenta um *talk show* que privilegia os temas “polêmicos”. Neste momento o programa alcança, nas noites de segunda-feira, o terceiro lugar da audiência. Com voz fina, salto alto, batom, cílios postiços, peruca e roupas espalhafatosas, João sempre acompanhado da garçopink (um travesti de corpo escultural), recebe seus convidados do *talk show*. E como a prostituição de luxo está em voga devido ao sucesso da personagem Capitu da novela *Laços de família* da Rede Globo, João, ou melhor, Charlotte entrevistou uma garota e um garoto de programa. Além de narrar as façanhas sexuais de que é capaz um velhinho de oitenta anos que toma viagra, a moça declarou que não faz programa apenas com mulheres. Ela só aceita transar com mulher se for um casal. Ao que o rapaz respondeu que topava tanto homens como mulheres e casais. Mas o apresentador não se aprofundou nesta interessante diferença entre os dois profissionais do sexo. Preferindo se ater aos detalhes do flagrante de um marido traído, narrado pelo rapaz.

Na mesma Rede TV outro apresentador se veste de drag para protagonizar um quadro, no mínimo indiscreto. No programa *Perfil 2000* Otávio Mesquita se transforma na, abusada e irreverente, Tábata. Com trejeitos exagerados e figurino colorido a personagem liga de surpresa para a casa de celebridades para fazer perguntas indiscretas e constrangedoras como afirma o próprio Otávio Mesquita:

“\_ A Tábata perguntou ao Chiquinho Scarpa se ele “mordia a fronha”. Mas ela é do bem. Não deixa ninguém de saia-justa.”(MOREIRA, 2000, p.17)

Há quem discorde do apresentador. Do que não se pode discordar é do sucesso da sua personagem. Tábata assegura ao programa *Perfil 2000*, sempre às sextas-feiras, picos de cinco pontos de audiência no IBOPE, além de receber 80 dos 150 e-mails enviados semanalmente ao programa da Rede TV.

Tanto João Kleber quanto Otávio Mesquita parecem ter se inspirado no sucesso do pioneiro do gênero, o humorista australiano radicado na Inglaterra Barry Humphries, que encarna a famosa Dame Edna na BBC – exibida aqui pelo canal Multishow. Mas, apesar de se apresentar com um figurino capaz de fazer inveja a qualquer drag-queen que se preze, Dame Edna não é um personagem homossexual. Ela é uma excêntrica velhinha indiscreta que não poupa seus convidados de comentários picantes.

O lamentável é que programas como este que fazem uso da estética *gay* e tratam de temas *gays* recorrentes não se aprofundem em questões como identidade sexual e cidadania optando por manter a conversa num nível bem rasteiro,

reiterando o velho estereótipo de que o homossexual só é interessante como o “bufão” que faz rir.

A idéia de que o espectador médio aceita o homossexual enquanto mero objeto de entretenimento, pode ser comprovada pela presença na telinha, ao longo de pelo menos vinte anos, do dublê de estilista e apresentador Clodovil Hernandez. Ele se tornou conhecido do grande público no final dos anos setenta quando desenhava vestidos e dava conselhos de moda para telespectadoras de programas femininos. Com toda afetação inerente a um estilista de renome, Clodovil passou, já no início dos anos oitenta, a estrelar o seu próprio programa. Inteligente, o apresentador sabia como conquistar o seu público alvo, as donas-de-casa, que projetavam nele a figura do *gay* sensível, amigo e confidente. Sem deixar de lado a irreverência e o humor ácido, Clodovil passeou por algumas emissoras, em horários diurnos e noturnos, exibindo sua “refinada” cultura. O apresentador cantava, dançava, recitava poemas, indicava livros, exaltava a família, promovia desfiles, entrevistava personalidades e opinava na vida política do país. Acabou tendo seu programa retirado do ar por chamar a constituinte de “prostituinte”. Alguns anos na geladeira televisiva e eis que nos anos noventa ele ressurgiu na extinta TV Manchete para apresentar um programa basicamente de entrevistas. Mais velho, porém igualmente afetado, irônico e mordaz o apresentador costumava deixar seus entrevistados em verdadeiras “saias justas” com seus comentários maldosos e por vezes inoportunos e grosseiros, mas que garantiam uma satisfatória audiência e alimentavam o mito. Apesar de toda afetação, sempre se reservou de comentários sobre sua orientação sexual, valorizando sempre o casamento e a família.

Ironicamente, o apresentador foi declarado contra o projeto da Parceria Civil Registrada. Depois da Manchete ainda esteve na CNT, mas terminou saindo do ar por problemas salariais.

Fugindo um pouco da afetação, mas sem deixar de lado o sensacionalismo e a polêmica, a TV Globo utilizou-se da temática *gay* para assegurar alguns pontos na estréia do programa *Altas Horas*. Comandada por Serginho Groisman – oriundo de bons programas como *Matéria-prima* na Cultura e *Programa Livre* no SBT – a nova atração das madrugadas globais segue a linha programa de auditório-jovem-sofisticado e ao invés de privilegiar o bate-papo livre, com uma boa pauta e personalidades variadas respondendo às perguntas dos jovens – estilo que firmou Serginho na mídia – optou-se por uma complexa soma de atrações e quadros. Dentre eles o *Interrogatório*, destinado a discutir temas polêmicos em apenas 15 minutos. O convidado do programa de estréia foi o presidente do grupo *gay* da Bahia Luiz Mott que seria inquirido sobre a homossexualidade por três outros convidados. Teoricamente Luiz Mott teria a réplica de 3 minutos por pergunta, porém o advogado Celso Vendramini, o deputado federal Salvador Zimbaldi e o professor Carlos Ramallete, praticamente não lhe permitiram falar. Ao final do tempo Luiz Mott concluiu, em meio a vaias da platéia destinadas aos três inquisidores, com a seguinte frase: “Um a zero para mim!”. Sendo em seguida aplaudido pela platéia. Embora a TV Globo tenha alcançado seu intento, uma vez que o quadro deu 15 pontos de IBOPE numa madrugada de domingo, o debate em quase nada contribuiu com a causa *gay*. Decididamente, Serginho já promoveu melhores debates sobre a homossexualidade.

Ainda dentro do campo do entretenimento, podemos vislumbrar uma gama variada de personagens *gays* nos programas humorísticos. Desde os anos setenta que humoristas como Jô Soares e Chico Anísio se apossaram da figura *gay* para criar deliciosos personagens. O Capitão *Gay* - talvez a criação mais popular de Jô Soares – era um super-herói assumidamente homossexual que acompanhado por seu fiel parceiro, Carlos Suely, solucionava os mais diversos problemas de maneira alegre, divertida e inusitada. Trajando “modelitos” multicoloridos e desmunhecando bastante a dupla fez tanto sucesso que acabou por lançar um disco com o “Rock do Capitão *Gay*”, um sucesso junto ao público infantil. Já Chico Anísio criou tipos inesquecíveis como Painho, o pai-de-santo *gay* que tinha aversão às mulheres e vivia com dor nos “quartos”; Dr.Logulo, um médico homossexual enrustido, que sempre era flagrado, pelos colegas de trabalho, em situações comprometedoras com outro médico também enrustido; e o impagável Haroldo, um “ex-homossexual”, conhecido como “Luana”, que sempre era tentado pela amiga “pintosa” a voltar para o reduto *gay*. Até mesmo o programa “Os Trapalhões”, sucesso junto ao público infantil nos anos setenta e início dos oitenta, explorava o estereótipo *gay*. Além de todos os integrantes do grupo se revezarem em hilariantes papéis femininos, dois deles em específico, apresentavam características dúbias. O personagem Dedé, era sempre vítima das piadas maliciosas do personagem Didi quanto a sua sexualidade. Já o personagem Zacarias, apesar de não ter sua sexualidade questionada, talvez por fazer um estilo ingênuo e infantil, possuía voz e gestual afeminados; Tais características acabaram por se firmar

como marca do personagem, um sucesso entre as crianças que não viam com malícia essa afetação.

Os programas de humor atuais também reservam espaço para os personagens *gays*. O programa *Zorra Total* veiculado pela TV Globo já apresentou um série deles. No quadro da Escolinha do Professor Raimundo havia o personagem Seu Peru (interpretado pelo humorista Orlando Drumond), um *gay* afetado que tinha mania de dizer que personalidades da história universal faziam parte da “irmandade”; O hilariante Painho de Chico Anísio, que nesta recente versão se apresentava mais *gay* do que nunca, sempre acompanhado de Bicho Feio (um negro alto e forte), um rapaz que ele “ajudava” desde menino; Já Agildo Ribeiro fazia rir com o Messie Cotonete, um famoso conquistador de mulheres que ao colocar um cotonete no ouvido transformava-se numa afetada boneca; Roberta Close também fez parte do humorístico num quadro no qual sempre que lhe ofereciam algo ela prontamente respondia com o infame bordão: “Tô fora! Cortei!”. Mas um dos destaques do humorístico é o personagem Dinho (Lucio Mauro Filho), um rapaz muito alegre e afetado que faz o pai (Jorge Dória), um garanhão convicto, sempre passar vexame na frente dos amigos machões. Desmunhecando ao extremo, o afeminado personagem foge das namoradas que o pai tenta lhe empurrar para dar em cima de belos homens. Dinho já se vestiu de bailarina, porta-bandeira e até Carmem Miranda, para desespero do pai que sempre encerra o quadro com a pergunta: “Onde foi que eu errei?”

Em seu programa *Megatom*, exibido nas tardes de sábado pela TV Globo, o humorista Tom Cavalcante representava com sucesso, o personagem “Pitbicha”,

um homossexual assumido, estilo *barbie*, que sempre acompanhado de seu amigo “Pitbitoca”, um anão afeminado, paquerava homens musculosos. Com a publicação da Portaria 796 do Ministério da Justiça – que entre outras coisas estabelece que os programas de televisão sejam submetidos a uma classificação etária antes de sua exibição, inclui a faixa de 16 anos e exige que as emissoras mostrem de maneira visível na tela a idade para qual aquele programa é indicado – a direção da TV Globo considerou o quadro inadequado para o horário e retirou-o do ar antes mesmo de ser acionada pela justiça.

Seguindo uma linha de humor mais crítica e politizada, porém não menos estereotipada, e por vezes preconceituosa, quando o assunto é a temática *gay*, encontramos o programa *Casseta e Planeta, Urgente!*, estrelado pelos rapazes do grupo Casseta e Planeta. Hilários, ao interpretarem personagens femininos, os rapazes também divertem com vários personagens *gays*, mas que certas vezes resvalam em piadinhas machistas e por demais preconceituosas. Vale destacar o personagem Maçaranduba, um pitboy muito preocupado em deixar claro que é macho.

Mas talvez o principal personagem *gay* humorístico da atualidade seja Vera Verão do programa *A Praça é Nossa*, exibido pelo SBT, justamente pelo fato de ser interpretado pelo ator, assumidamente homossexual, Jorge Lafond. Apesar do personagem ser calcado no estereótipo *gay*, ele em nada desvaloriza o homossexual, apenas atuando como mais uma divertida criação humorística. Isso porque, além de ser pública e notória a orientação sexual do ator que o interpreta, este utiliza a televisão para reafirmar publicamente sua sexualidade, pois o público

sabe que embora Lafond esteja interpretando e até mesmo carregando nas tintas ao fazê-lo, no fundo ele partilha das mesmas opiniões que seu personagem.

Enfim, ao longo de anos, vários humoristas que utilizaram ou ainda utilizam o estereótipo *gay* para fazer rir têm sido alvo de duras críticas tanto de grupos conservadores, que encaram personagens *gays* como uma apologia à homossexualidade, como por parte de grupos e entidades *gays* que não aceitam ver o homossexual apenas como bobo da corte. No entanto, o interessante é perceber que ambas são opiniões extremistas, radicais e equivocadas.

É inegável a graça destes personagens e apesar deles serem, em sua maioria, apenas objetos de riso fácil, não constituindo motivo de orgulho para o segmento homossexual, isto tem aos poucos deixado de ser importante devido ao surgimento, ainda que tímido, de novas formas de representação do homossexual na mídia brasileira.

Estas novas formas de abordagem da homossexualidade têm sido percebidas nos últimos anos, com maior frequência, nas novelas e em alguns outros programas da linha de dramaturgia. O importante é analisar o perfil e a dimensão destes personagens dentro de cada trama. Embora, atualmente, tenha se tornado quase que uma “obrigação” a presença de personagens *gays* em novelas e seriados, principalmente devido a questões mercadológicas, eles figuram na dramaturgia televisiva desde a década de sessenta.

Em 1960, o programa *Grande Teatro Tupi* abordou o tema ao levar ao ar a encenação da peça “O Caso Maurizius” protagonizada por Sérgio Britto e Cláudio Cavalcanti. Três anos depois seria a vez do homossexualismo feminino ser

destaque no programa *TV de Vanguarda* da TV Tupi de São Paulo. No teleteatro “Calúnia” de Lilian Helmann, as atrizes Vida Alves e Geórgia Gomide na pele das personagens Karin e Martha protagonizaram o primeiro beijo homossexual da TV brasileira.

Mas é apenas na década de setenta que os personagens *gays* passam a aflorar nas novelas, época em que os novelistas brasileiros passam a fazer sucesso com tramas atuais e voltadas para a realidade nacional. Assim, Bráulio Pedroso escreveu em 1974 a originalíssima *O Rebu*. A trama da novela tratava da investigação de um assassinato durante uma festa da alta sociedade carioca e se passava numa única noite em cenas fora de ordem cronológica. A novela era um verdadeiro quebra-cabeça, pois de início o telespectador não sabia de quem era o corpo que boiava de bruços na piscina, o por que do crime e quem o havia cometido. A princípio suspeitava-se que a vítima fosse um homem devido aos seus trajes, mas o autor aumentou o número de possíveis vítimas ao escrever uma cena em que as mulheres “brincaram” de cortar os cabelos e se vestir como os homens – algo um tanto quanto suspeito se analisado sob a ótica da sexualidade, principalmente em se tratando de uma festa da alta sociedade regada a muita bebida. No meio da trama o público descobriu que o corpo na piscina era de Sílvia, personagem interpretada por Bete Mendes. Vinte capítulos antes do final o público assistiu a cena em que o banqueiro Conrad Mahler (Ziembinski), o anfitrião da festa, após discutir com Sílvia termina por empurrá-la pela janela do segundo andar da mansão. O motivo do crime seria o ciúme do relacionamento de Sílvia com Cauê (Buzza Ferraz), um rapaz que vivia sob sua “proteção”. Na verdade os dois eram amantes, mas o país

vivia sob dura censura para se explicitar a relação homossexual entre um rapaz e um homem de meia idade.

Dois anos antes, o mesmo Ziembinski foi o primeiro ator a interpretar uma mulher numa telenovela. Em *O Bofo* de Bráulio Pedroso ele era Tia Stanislava, uma senhora polonesa que se embebedava de xarope e vivia sonhando com um príncipe trapezista enquanto fazia sua fezinha no jogo do bicho. Em resumo, foi o primeiro travesti da história da telenovela.

Ainda na década de setenta, outra trama de novela apresenta um personagem supostamente homossexual como assassino. *O Astro* de Janete Clair mobilizou o país inteiro com a pergunta: Quem Matou Salomão Hayala? Ao final da novela descobriu-se que o banqueiro havia sido assassinado pelo cabeleireiro Felipe Cerqueira (Edwin Luiz), o jovem amante de Clô (Tereza Rachel), esposa de Salomão Hayala. Além de assassinos passionais, aos homossexuais couberam, ao longo das décadas de setenta e oitenta, os tradicionais e afetados papéis de mordomos, cabeleireiros, maquiadores e bailarinos.

Em 1979 estreou na TV Globo o seriado *Malu Mulher* integrando o projeto das séries brasileiras. Um conjunto de seriados – *Plantão de Polícia*, *Carga Pesada* e *O Bem Amado* – que se propunha a traçar um painel do país com o objetivo de discutir a realidade brasileira. Regina Duarte no papel da socióloga desquitada protagonizou o seriado que a cada novo capítulo abordava um tema diferente. Ao longo de um ano e meio de existência *Malu Mulher* abordou diversos assuntos como solidão, velhice, tabus, preconceitos, desemprego, aborto, orgasmo feminino e homossexualismo. Assim, o tema foi tratado de forma séria e

direta no episódio “Uma coisa que não deu certo”, que narrava os conflitos de um rapaz, amigo de Malu, ao se descobrir homossexual. Em um outro episódio foi insinuada, de forma bem sutil, uma relação homossexual entre Malu e a amiga Maria, interpretada por Ângela Leal, que “passava a noite” em sua casa.

Gilberto Braga foi o primeiro autor de novelas a criar um personagem homossexual não-estereotipado. Na novela *Brilhante* (1981) Inácio, interpretado por Denis Carvalho, era filho da rica e dominadora, Francisca (Fernanda Montenegro), que lhe “impõe” um casamento, que acaba por não dar certo, com a personagem de Renata Sorrah. Mas o personagem só foi captado por uma pequena parcela do público devido aos severos cortes da censura.

A minissérie *Grande Sertão Veredas* inspirada na obra de Guimarães Rosa retratou de forma sensível e discreta o conflito de Riobaldo (Tony Ramos) ao perceber que o sentimento que nutria em relação ao seu companheiro de trabalho Reinaldo (Bruna Lombardi) não era apenas amizade. Ele acaba se surpreendendo atraído pelo amigo, mas não consegue aceitar a idéia. O final é dramático. Com a repentina morte de Reinaldo, Riobaldo acaba por descobrir que o objeto de seu desejo era, na verdade, uma mulher, Diadorim. A história não causou polêmicas já que desde o início o público sabia que Reinaldo era uma mulher. Mas de qualquer maneira, os conflitos internos de um homem que pensa estar apaixonado por outro, foram tratados de maneira séria e relevante.

Em 1985 os censores quase foram à loucura com a novela *Um Sonho a Mais* da TV Globo. A trama narrava a história de Volpone, um homem obrigado a fugir do país acusado de um crime que não havia cometido. Vinte anos depois ele

retorna para tentar provar sua inocência disfarçado na pele de três diferentes personagens: o próprio Volpone, seriamente doente; seu advogado e sua secretária, a senhorita Anabela Freire. Aos poucos o travesti interpretado por Ney Latorraca adquiriu tamanha popularidade e importância na trama, acabando por ofuscar as outras identidades de Volpone. Assim, surgiram na trama as “irmãs” de Anabela, Florisbela e Clarabela (Marco Nanini e Antônio Pedro) e a sexóloga Olga Del Volga (personagem do ator-transformista Patrício Bisso). Anabela acabou se casando com o personagem Pedro Ernesto (Carlos Kroeber), selando a união com aquele que foi o primeiro beijo entre dois homens na TV brasileira. A emissora acabou sendo advertida pela censura para diminuir a participação dos travestis na novela. Assim, Florisbela, Clarabela e Olga deixaram a trama, permanecendo apenas Anabela que terminou sendo “assassinada” por Pedro Ernesto. Na verdade, Volpone não foi atingido pela bala que ficou presa na madeira que servia de enchimento ao sutiã, estando então, livre para ser feliz ao lado da personagem de Sílvia Bandeira, seu verdadeiro amor.

No ano seguinte a novela *Roda de Fogo* traz novamente à cena um personagem homossexual como vilão. A trama girava em torno do personagem Renato Villar (Tarcísio Meira) um empresário prepotente e corrupto, com ambições de chegar a presidência da república, que revê seus valores ao descobrir que está doente e tem apenas seis meses de vida. Cécil Thiré interpretava o afetado vilão Mário Liberato, ex-assessor de Renato por quem nutria uma paixão reprimida. Aos poucos o vilão passa a querer destruir o seu inalcançável objeto do

desejo para então, ocupar o seu lugar. O destino do personagem é trágico encontrando a morte ao final da trama.

Em *Vale Tudo* novela de 1988, Gilberto Braga volta a abordar o tema com seriedade. Mais uma vez o autor trazia para o vídeo personagens *gays* não-estereotipados sendo que desta vez o foco recaia sobre um casal homossexual feminino, Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin). O objetivo de Gilberto Braga com estas personagens era discutir o direito à herança no caso de morte de um dos parceiros de uma união homossexual. Com a repentina morte de Cecília, seu irmão Marco Aurélio (Reginaldo Faria) se apossa de todos os bens da irmã não deixando nada para Laís, sua companheira há vários anos. Ela acaba se reerguendo sozinha e passa boa parte da trama sendo a “amiga confidente assexuada”, para apenas no último capítulo encontrar um novo amor. Tudo muito sutil e discreto para não despertar a ira da censura – que vivia seus últimos dias (?)-que já havia obrigado o autor, no início da novela, a reescrever cenas que mostravam a intimidade do casal e na qual elas conversavam sobre as discriminações de que eram vítimas. Em entrevista a Folha de São Paulo no dia 20 de julho de 1988 Gilberto Braga desabafou:

“Estou muito triste. O argumento para justificar o corte é que o assunto prejudica os adolescentes. Mas se o adolescente não vê na TV ele vai ver na vida, por que não há Polícia Federal para censurar a vida”.(SILVA, 1998, p.2)

No início da década de noventa Sílvio de Abreu escreveu a minissérie *Boca do Lixo* que fazia um retratado da alta sociedade paulista envolvida com o tráfico e

contrabando. A história era uma trama policial recheada de mistério e suspense e mais uma vez descobre-se ao final que o assassino, personagem de Reginaldo Faria, era um homem casado e aparentemente acima de qualquer suspeita. No entanto além de ser o vilão ele era *gay* e tinha um caso com o personagem de Alexandre Frota.

Alguns anos depois o mesmo Sílvio de Abreu inclui em sua novela *A Próxima Vítima* da TV Globo, um jovem casal de homossexuais masculinos. Desta vez o autor fez uso do horário nobre para discutir com seriedade e respeito, a descoberta da sexualidade e do amor entre dois rapazes, abordando paralelamente os conflitos familiares que surgem na esteira de uma descoberta como esta. Assim, o público pôde assistir a sensível cena em que o personagem Sandrinho (André Gonçalves) conta para a mãe (Suzana Vieira) que é homossexual, e esta embora surpresa e confusa respeita a opção do filho. O mesmo não acontece com Jefferson (Lui Mendes), que não é aceito pelo pai e pelo irmão, encontrando apoio apenas da irmã e da mãe. No entanto estas revelações só ocorreram no meio da trama, quando o público já havia sido cativado pelos personagens separadamente. Assim, mesmo causando incômodo no espectador médio que não entendia como dois garotos tão masculinos poderiam se apaixonar um pelo outro, eles terminaram a história morando juntos num apartamento com cama de casal! Isto tudo com a aprovação dos chamados “folk-groups” (grupos de pessoas aleatórias que a emissora reúne para discutir suas produções), muito embora, o casal tenha sequer trocado uma carícia ao longo de toda a novela.

Mesmo não assistindo a cenas mais explícitas de afeto entre Jefferson e Sandrinho, o público sabia qual era a orientação sexual dos personagens. O mesmo não aconteceu com o personagem Sarita (Floriano Peixoto), o transformista da novela *Explode Coração* de Glória Perez, que percorreu toda a trama, completamente assexuado, sendo apenas o/a amigo (a) ideal. Ao final da trama o personagem encontrava a felicidade adotando uma criança soropositiva. Preocupada em evidenciar o caráter bondoso do personagem Glória optou por não envolvê-lo em nenhuma relação afetiva fosse com homens ou mulheres. Talvez a intenção da autora fosse desassociar os *gays* da habitual imagem negativa, mas de certa forma a sua visão acabou sendo maniqueísta e irreal.

Já Aguinaldo Silva - autor assumidamente homossexual e por vários anos ativista da causa *gay* - há algum tempo sempre inclui personagens *gays* em suas novelas, contudo o faz de forma mais sincera e menos maniqueísta. Embora seus personagens *gays* sejam figuras do bem, eles também têm raiva e principalmente, sentem desejo, mesmo que seja de forma velada. Foi assim com o personagem Adamastor (Pedro Paulo Rangel) na novela *Pedra sobre Pedra* de 1992. O dono do bordel era platonicamente apaixonado pelo personagem de Paulo Betti, um *bon vivant*, que percebia o desejo do amigo, mas fazia-se de desentendido com medo de perder as regalias que lhe eram concedidas por Adamastor, alimentando assim as esperanças do personagem em um dia ser correspondido em seu sentimento. Vale ressaltar que o personagem não causou maiores polêmicas, pelo contrário acabou sendo um dos personagens mais carismáticos da novela. Isto talvez devido ao fato de o público desde o início entender que aquele era um amor que jamais seria

correspondido. Ao final da trama Adamastor acaba sublimando essa paixão impossível e encontra a felicidade ao lado de um investigador de polícia homossexual que surge na trama para desvendar um assassinato.

Dois anos antes, em *Tieta*, Agnaldo Silva criou um personagem especialmente para o travesti Rogéria. Com uma carreira consolidada no teatro, tendo inclusive ganho o prêmio Mambembe, Rogéria sempre esteve restrita às participações em programas de humor, ou como jurada de programas de auditório e repórter de bailes de carnaval. Na novela Rogéria era Ninete, a procuradora de Tieta (Betty Faria) no Rio de Janeiro. Numa visita a terra natal de Tieta, Ninete acaba despertando o interesse de todos os homens da cidade. Numa hilária cena em que é assediada grosseiramente por um homem, num bar da cidade, Ninete assume sua porção “Waldemar” e dá um belo soco no homem que a perturbava.

Em *A Indomada* o autor tratou do relacionamento entre duas mulheres, Zenilda (Renata Sorrah), a dona do bordel da cidade e Vieira (Catarina Abdala), uma espécie de faz tudo do bordel. Ao passo que Zenilda era uma mulher charmosa e insinuante, Vieira tinha um estilo mais masculinizado. A relação das duas era discreta, porém praticamente óbvia devido à cumplicidade que partilhavam. Toda à noite, Vieira subia até o quarto de Zenilda para fazer a sua “contabilidade”. A trama que previa cenas mais fortes entre as duas teve que ser alterada e Zenilda acabou por se envolver com Pedro Afonso (Cláudio Marzo), o que de certa forma evidência a bissexualidade da personagem. No entanto Vieira manteve suas características e terminou a história fazendo a “contabilidade” da nova cafetina do bordel.

Nesta mesma época uma profusão de tramas envolvendo relacionamentos amorosos entre duas mulheres dominou a telinha. Beth Goulart e Paloma Duarte interpretaram no seriado *Mulher*, um casal de lésbicas que planeja ter um filho. Na minissérie *Engraçadinha* inspirada na obra de Nelson Rodrigues, Maria Luísa Mendonça era Letícia, uma jovem apaixonada por Engraçadinha (Alessandra Negrini/Cláudia Raia), mas que tem seu amor repudiado. Vinte anos depois, para se vingar ela acaba por seduzir a filha do seu grande amor (Milla Christie). Bem ao estilo Nelson Rodrigues a personagem termina por se atirar debaixo de um caminhão tendo antes deixado uma carta destinada a Engraçadinha esclarecendo que o que sentia por ela não era tara, era amor. Já a minissérie *Dona Flor e Seus Dois Maridos* mostrou com classe e elegância o envolvimento de duas jovens baianas, interpretadas por Cyria Coentro e Dira Paes, filhas de banqueiros do jogo de bicho rivais. As belas mulheres se apaixonavam, assumiam os negócios dos pais e terminavam juntas e felizes. O casal de lésbicas foi a grande novidade da minissérie que deu um tratamento ousado ao relacionamento, com um texto forte, olhares e carícias insinuantes e um discreto beijo na boca.

Na novela *Xica da Silva* da extinta TV Manchete destacou-se o afetado personagem Zé Mulher (Guilherme Piva). Amigo da ex-escrava Xica da Silva (Taís Araújo), o personagem, que de início protagonizava apenas situações cômicas, acaba por ganhar maior espaço na trama ao despertar a ira da vilã Violante (Drica Moraes), que o acusa – injustamente – de ter mantido relações sexuais com o escravo Paulo. Assim, Zé Mulher passa a ser perseguido pela inquisição e acaba se escondendo no quarto da prostituta Elvira (Giovanna Antonelli). Capturado, ele vai

a julgamento, mas é absolvido devido ao depoimento da prostituta que afirma ter mantido relações sexuais com Zé, além de divulgar a intenção de se casarem. Ao final da trama Zé, Elvira e Paulo acabam por protagonizar um harmonioso triângulo amoroso. A importância deste personagem deve-se ao fato de - apesar dele ter sido calcado na caricatura - ter exposto a questão da perseguição aos homossexuais por parte da inquisição, além de tratar do desejo homossexual e, acima de tudo por ter tido um final condizente com sua identidade sexual.

A questão da bissexualidade foi explorada por Manoel Carlos na novela *Por Amor* de 1998. Rafael (Odilon Wagner) era um dentista bem sucedido que tinha um casamento perfeito com Virgínia (Ângela Vieira) até conhecer na praia o jovem Alex (Beto Nasci). Os dois acabam se envolvendo, mas Rafael não consegue se desligar de sua relação de anos com Virgínia, até que esta já desconfiada segue o marido até o flat onde ele se encontrava com o amante. Não tendo mais como negar o marido acaba admitindo sua opção sexual e decidindo-se por Alex. O autor optou por explorar a descoberta da bissexualidade apenas sob a ótica da mulher que é traída, não abrindo espaço para uma discussão mais clara e direta sobre as angústias, dúvidas e conflitos inerentes a um homem de meia idade que se descobre atraído por outro homem, uma vez que o personagem Rafael parecia muito decidido e nem um pouco surpreso com a sua nova descoberta, a sua única preocupação era não magoar a mulher e os filhos.

De todas as novelas que apresentaram personagens homossexuais, talvez *Torre de Babel* tenha sido a que causou mais polêmica e estardalhaço na mídia. Depois do início conturbado da novela, que apresentou mais realidade e violência

que a média do público poderia tolerar, a direção da TV Globo encomendou uma pesquisa que mostrou, que parte dos entrevistados não estavam aceitando bem o casal de lésbicas vivido por Silvia Pfeifer e Christiane Torloni. No entanto, não existiram cenas do casal que pudessem ser consideradas ofensivas para os padrões da maioria da sociedade.

Mas quando se trata do horário nobre, a decisão agora recai sobre a massa de telespectadores que são ouvidos incessantemente pelas emissoras em busca de maiores índices de audiência e todas as vantagens comerciais decorrentes disso. Hoje, quem detém o poder de censura é a audiência.

E a maioria aceita personagens que roubam, matam e traem, mas quando se mostra um homossexual feliz, de bem com a vida e com a sua sexualidade, o público rejeita. Grande parte da população se sente mais segura quando *gays* e lésbicas são retratados de maneira estereotipada ou quando são sozinhos, infelizes e assexuados. Ou ainda quando alcançam a redenção se apaixonando pelo sexo oposto. O público parece identificar a novela como uma espécie de espelho idealizado de aspirações familiares, sociais e econômicas que de maneira geral não se realizam na vida real.

Contudo, as pesquisas que a Globo fez com os *folk-groups* indicavam que apesar do incômodo provocado o público aceitava as lésbicas. O que provocou a ira da audiência foi a ousada sinopse de Sílvio de Abreu, exaustivamente divulgada pela imprensa. Na explosão do shopping, Rafaela (Christiane Torloni) e Guilherme (Marcello Antony), filho de Marta (Glória Menezes), morreriam. Leila desamparada se uniria na dor com Marta. Da admiração de Leila surgiria uma

paixão, que o autor não havia decidido se seria recíproca. A idéia de ver Glória Menezes, um ícone das donas-de-casa, interpretando uma descasada de meia-idade lésbica foi instantaneamente descartada pelos grupos de discussão. Assim, só restou ao autor mandar pelos ares o polêmico casal de lésbicas. Em sinal de protesto a última frase pronunciada por Rafaela no momento da explosão foi: “Só pode ser este maldito preconceito!”.

*Suave veneno* foi a novela que sucedeu *Torre de Babel* no horário nobre da TV Globo. Logo após a eliminação do casal Leila e Rafaela, surgiam no vídeo Uálber e Edilberto. O interessante é notar que a novela de Aguinaldo Silva não agradou o público desde o início, atingindo baixíssimos índices de audiência para o horário das 20hs. Mas rapidamente se percebeu que a audiência melhorava quando surgiam na tela a dupla de homossexuais caricatos. O sucesso desses personagens mostra que o público aceita melhor, os *gays* afetados.

Assim como o casal Jefferson e Sandrinho da novela *A Próxima Vítima* - tidos como modelo perfeito para os *gays* por serem bonitos e masculinos - representavam uma parcela real da categoria homossexual, Uálber e Edilberto representavam outra parcela real dessa mesma categoria - a parcela das *pintosas*, como se diz no meio.

Mas como a televisão sempre priorizou esta abordagem estereotipada, chooveram críticas à dupla de personagens. A mais feroz delas por parte do presidente do Grupo *Gay* da Bahia, Luiz Mott, que decidiu denunciar a direção da novela à Procuradoria Geral de Justiça de Salvador e à Secretaria Nacional de Direitos Humanos, alegando que os *gays* da novela eram caricatos demais. Pouco

depois, influenciado pelas manifestações ou não, o autor escreveu uma bela cena na qual o velho e preconceituoso pai do personagem Uálber, no calor de uma discussão chama o filho de *bicha*. E este prontamente revida: “- Bicha não! Para o senhor, Dona Bicha. Porque eu me dou ao respeito.”. Com esta frase, personagem e autor respondem às críticas da sociedade. O problema não está no fato do homossexual ser efeminado ou não, mas sim no respeito a sua individualidade.

O mesmo fator que assegurou a permanência de Jefferson e Sandrinho em *A Próxima Vítima* ocorreu com a dupla de gays de *Suave Veneno*. O autor esperou que o público se acostumasse com os personagens, percebendo o lado humano de cada um deles, para apenas a partir do meio da novela passar a abordar diretamente a questão da homossexualidade.

Assim, a bonita cena em que Uálber (Diogo Vilela) confessava a mãe (Eva Todor) que era *gay* alcançou 50 pontos no IBOPE. O popular personagem acabou por desfrutar de uma glória atípica aos personagens homossexuais. Depois de balançar o coração de Claudionor (Heitor Martinez), um dos galãs da trama, e vingar-se dos *pit boys* que o hostilizaram, Uálber encontra o verdadeiro amor ao lado de Wanderley (Licurgo Spínola), e isto com a aprovação das senhoras do grupo de discussão promovido pela TV Globo. Para surpresa do autor elas exigiram que, ao final da novela, Uálber estivesse ao lado de outro homem e que a cena fosse selada com um singelo beijo na boca.

Ainda na linha de dramaturgia vale destacar o extinto programa *Você Decide* veiculado pela TV Globo. Através de telefonemas gratuitos os telespectadores optavam entre dois finais propostos para uma história, em geral, polêmica. O final

mais votado era exibido. A homossexualidade foi tema de alguns episódios e o interessante é notar que na maioria das vezes a audiência foi favorável a causa *gay*. Como no caso do casal homossexual de classe média/alta que, após a morte da empregada resolve adotar a sua filha recém nascida. No entanto a decisão do público causou maior surpresa no episódio *Delicadeza*, no qual duas amigas viam-se envolvidas afetivamente, e a questão era se elas assumiam o romance ou não. O público optou de forma maciça pelo final feliz entre as duas garotas. Algumas explicações podem ser apontadas para este posicionamento mais flexível em relação à homossexualidade: o formato ágil e curto do programa evitava a identificação com o estilo de vida e caráter dos personagens, o que ocorre por demais nas novelas. Além da curiosidade em relação ao “exótico” e “proibido” associada ao caráter anônimo da decisão.

Enfim, torna-se possível concluir que ao longo de pelo menos quarenta anos, uma gama variada de personagens homossexuais, desfilaram pelas novelas e seriados espalhando riso, surpresa, polêmica e muita audiência. Seria ingenuidade acreditar que o espaço televisivo concedido a esses personagens tenha nascido da preocupação de autores e emissoras para com esta minoria sexualmente discriminada. Assim como acontece com a questão da discriminação de negros, a temática homossexual acaba, na maioria das vezes, servindo, estrategicamente, para elevar a audiência das novelas e séries, já que o tema gera curiosidade e polêmica acabando por dar IBOPE, que por sua vez aumenta o faturamento dos investidores. E estes, já se deram conta da existência de um mercado *gay* que vêm crescendo assustadoramente nos últimos anos. Desta forma é preciso satisfazer também a este

público, colocando na telinha personagens e histórias com as quais eles possam se identificar, mesmo que estes personagens sejam moldados de maneira que não choquem os heterossexuais. No entanto, isto não invalida a iniciativa de autores que tratam do tema, alguns até de forma bastante séria e louvável, favorecendo a visibilidade homossexual. Mas ainda que, falar de homossexualidade nas TVs abertas tenha deixado de ser um tabu, os personagens *gays* estão relegados a pequenos núcleos dentro de uma trama principal. Como afirmou o autor de novelas Gilberto Braga em entrevista a revista *Sui Generis*:

“ (...) Mas claro que não faria uma novela com homossexuais como o casal principal. Isto por que a maioria dos espectadores é hetero e iam achar sem graça. Numa história paralela já foi feito e vai continuar. Como história principal de novela, acredito que é possível só em tevê a cabo.”(MAZZARO, 1998, p.26)

Como realmente já ocorreu com a série cômica *Ellen*, produzida por um ramo da Disney TV, e que foi exibida no Brasil pelo canal Sony. No início da série não se sabia oficialmente a opção sexual da protagonista, mas a certa altura a personagem saiu do armário e juntamente com ela a sua intérprete, a atriz Ellen DeGeneres que assumiu sua relação com a também atriz Anne Heche. A afirmação da homossexualidade de personagem e atriz foi um verdadeiro fenômeno de audiência. No entanto, pouco tempo depois a série foi cancelada por queda de audiência e conseqüente insatisfação de anunciantes que temiam ter seus produtos vinculados a uma atriz lésbica.

O mesmo não aconteceu com a série *Will & Grace* também exibida pela Sony. Sucesso de público e crítica – a produção ganhou o último prêmio Emmy de melhor seriado cômico - a série conta a história de Will (o ator heterossexual Eric McCormack ), um advogado que ao ser abandonado pelo namorado vai morar com a amiga Grace, uma designer de interiores. Há também o afetadíssimo Jack (Sean Hayes, ator assumidamente homossexual que protagonizou o filme gay *O Beijo Hollywoodiano de Billy*), o melhor amigo de Will. A série conseguiu de maneira suave e divertida abordar diversas questões cotidianas importantes para os *gays* como a solidão, a busca de afeto e a afirmação da sexualidade.

Ainda assim a série não causou tamanho estardalhaço quanto *Queer as Folk*, minissérie produzida na Inglaterra pelo Channel Four e exibida no Brasil pelo Eurochannel. Transmitida no horário nobre inglês, a série quebrou barreiras, deu IBOPE (3 milhões de espectadores) e causou bastante polêmica. No Brasil, a série foi exibida a 0:00h com a plaqueta de alerta do Ministro da Justiça avisando que o programa continha sexo, nudez, drogas e tema adulto, o que não a impediu de alcançar bons índices de audiência. *Queer as Folk* narra as aventuras e a vida cotidiana de três homossexuais que vivem na cidade de Manchester, Stuart, um executivo viciado em sexo, seu melhor amigo Vince e o adolescente Nathan. Ambientada no cenário *clubber* inglês, a série não procurou criar uma realidade romantizada do mundo *gay*, assim o público acompanhava os protagonistas em noitadas, consumo indiscriminado de ecstasy, sexo incoseqüente, sexo grupal, sexo com menores, além de discutir questões como lésbicas que engravidam de *gays*, namoro com homens mais velhos e ricos, casamento de conveniência, enruste

no trabalho, paixões platônicas e por aí vai, tudo intercalado por uma trilha sonora pop. Em *Queer as Folk* não só os protagonistas eram homossexuais, como também vários coadjuvantes e a maioria dos figurantes. E se o máximo que as lésbicas de *Torre de Babel* fizeram, foi dividir a mesma cama, na série os rapazes protagonizavam tórridas e variadas cenas de sexo. Apesar disto, o que mais gerou polêmica entre os ingleses foi o fato do personagem Nathan ser um adolescente de 15 anos, idade inferior à permitida para a prática homossexual no país. *Queer as Folk* agradeceu por que não queria passar mensagens politicamente corretas nem fazer discursos sobre a causa *gay*. Ao mesmo tempo, que elogiava, a série criticava a experiência homossexual, chegando a ser cruel com os *gays*. *Queer as Folk* exibiu a positiva liberdade de comportamento dos personagens, mas também destacou os perigos de uma vida fútil e desregrada.

Quanto às TVs por assinatura vale também destacar alguns programas do canal MTV e a forma como abordam a temática *gay*. O extinto *Barraco*, talvez o mais interessante e honesto de todos, comandado pela VJ Astrid e posteriormente pela VJ Soninha, era feito a partir de uma extensa mesa de debatedores, muitos deles jovens de classe média - uma vez que a emissora é voltada para este público - que discutiam a cada semana um tema diferente. A importância do *Barraco* estava na sua forma positiva, séria e imparcial de abordagem. Nunca sensacionalista. O programa sobre homossexualidade possibilitou a discussão de uma série de outras questões que cercam o tema - como afetividade, sexualidade, desejo, família, saúde, religião, política etc. -, fazendo-se necessário um segundo programa. Por ocasião do Dia do Orgulho Gay, o *Barraco* promoveu um debate com o seguinte tema: *A*

*homossexualidade ainda te incomoda?*. Mais importante que as conclusões chegadas pelos debatedores, foi o espaço dado para esta discussão e a sua forma positiva de abordagem.

Já o *MTV Erótica* - um dos programas de maior repercussão da emissora - tem como cenário um quarto colorido onde a apresentadora Ludmila recebe seus convidados - em geral personalidades do meio artístico - numa cama redonda. Com a ajuda do psiquiatra Jairo Bouer sempre presente no programa, a apresentadora e seus convidados respondem a perguntas sobre sexo que chegam ao programa via e-mail, telefone ou carta.

Os apresentadores são incapazes de se surpreender mesmo quando os telespectadores fazem, ao vivo, as perguntas mais embaraçosas.

“Tento responder a todas as perguntas de forma clara e direta, sem julgamento moral. E quando não sei alguma coisa, pesquiso para responder depois – diz o Dr. Jairo Bouer.”  
(FERNANDES, 2000, p.20)

O *MTV Erótica* pode ser passível de uma série de críticas a partir do momento que difunde o uso da camisinha para um pré-adolescente, em vez de procurar esclarecer a importância da iniciação sexual na formação da personalidade desse pré-adolescente. É preciso cuidado com a banalização do sexo.

Por outro lado, o programa pode ser útil, na medida que esclarece anonimamente as dúvidas de muitas pessoas, dentre elas muitos adolescentes que têm medo de se expor e conversar com os pais. Certa vez, um menino quis saber se não corria o risco de pegar AIDS porque, ao se masturbar deixou cair o próprio

esperma perto de um machucado. Muitos, também, são os jovens que se descobrem atraídos pelo mesmo sexo e não sabem como reagir a este sentimento. O programa tenta mostrar a esses jovens que não há nada de mal nisso, apenas ressalta que eles devem procurar perceber se é isso mesmo que querem e se for o caso buscarem um auxílio psicológico. Ponto para o programa.

*20 e Poucos Anos*, por sua vez, mescla uma idéia original dos psiquiatras Haná Vaisman e Jairo Bouer, apresentador do *MTV Erótica*, com um projeto concebido pela própria MTV. A série se parece com o *Na Real*, produzido pela MTV dos EUA, mas diferentemente da atração estrangeira, não obriga os participantes a morarem na mesma casa durante o período do programa. Eles se reúnem apenas uma vez por semana para discutirem sobre suas diferenças. O bate-papo é mediado pelos psiquiatras idealizadores do programa que evitam interferir na conversa, buscando apenas incitar os jovens a falar sobre os mais variados assuntos.

A idéia é mostrar os oito jovens que participam do programa em situações reais em casa, no trabalho, na faculdade e nas horas de lazer. É uma espécie de documentário sobre a vida destes jovens, no entanto a apresentação dos “personagens” e das “cenas” obedece a uma linha dramática um pouco semelhante a das novelas, ainda que adaptada à linguagem moderna e ágil da MTV. O encontro destes jovens é a mola propulsora de *20 Poucos Anos*, que em três fases já contou com participantes ricos, pobres, modernos, conservadores, preconceituosos e liberais. Apostando em personagens polêmicos, já participaram do programa um favelado, um ex-drogado, uma stripper e um homossexual.

Depois de revelar sua homossexualidade diante das câmeras, o dublê de professor de filosofia e iluminador de boate *gay* Rogério Munhoz foi alvo da curiosidade dos demais participantes sobre suas preferências. O feirante Lúcio lhe perguntou se ele era ativo ou passivo ao que obteve como resposta: “Vamos para cama que você descobre.” Posteriormente Rogério disse não ter dito isso por maldade apenas por que não achou a pergunta do colega apropriada. A sua participação também foi uma forma de quebrar estereótipos, já que ele não se enquadrava na concepção do público jovem de que homossexuais são homens efeminados, delicados e/ou musculosos. O destaque de *20 Poucos Anos* está justamente na percepção da dignidade do outro que nasce a partir do confronto de suas diferenças.

Apostando na diversidade sexual a direção da MTV prometeu espaço para o público GLS no programa *Fica Comigo*. Apresentado semanalmente, desde setembro, pela VJ Fernanda Lima, a atração reúne cinco jovens a cada edição do programa. Um deles- chamado de *querido* ou *querida* – escolhe um entre quatro pretendentes. Apesar do clima romântico, característico de seu programa inspirador – o *Namoro na TV* de Silvio Santos – a MTV garante que o *Fica Comigo* está longe de ser uma atração careta, já que *gays* e lésbicas também poderão escolher parceiros no programa. É esperar para ver. Se depender do horário pode até ser que aconteça, uma vez que o programa é apresentado às 22h. Horário que a emissora considerou apropriado para a exibição do clipe de Edson Cordeiro para a música *Dont let me be misunderstood*, uma vez que este continha cenas de beijos entre homossexuais.

Por fim, um dos atuais sucessos da MTV é o hilário e irreverente *Gordo a Go Go*, um programa de entrevistas nada convencional apresentado por João Gordo. A irreverência e o vocabulário recheado de palavrões do apresentador, por vezes, deixa o entrevistado perdido. No entanto, com seu jeito espontâneo e desbocado João Gordo acaba ironizando figuras hipócritas e polêmicas da TV. Como no caso do apresentador Sérgio Mallandro, que ao ser entrevistado, de início estranhou o vocabulário de seu anfitrião, mas depois se soltou e acabou escancarando. João Gordo às vezes se excede como quando exibiu um clipe do Queen, e disse que Fred Mercury quando veio ao Brasil, pagou oito michês, transou com todos e depois não queria morrer de Aids. Em entrevista posterior ao acontecimento o apresentador disse estar sendo ameaçado por uma telespectadora portadora do vírus HIV que se sentiu ofendida com o comentário de mau gosto. A garota disse que esperaria por ele na porta da MTV com uma seringa com o sangue dela. João Gordo acabou se retratando ao afirmar que queria apenas dizer que a promiscuidade levou o cantor à morte. O programa conta ainda com a presença de Max Fivelinha, uma versão *muderna* do homossexual afetado. A cada programa Max apresenta matérias sobre lugares, eventos e personalidades do mundinho GLS.

Enfim, o fundamental é perceber que a MTV apesar de ser uma emissora jovem e moderna que tem tido uma visão mais ampla da sexualidade, debatendo o tema de forma sincera e clara em programas como *Barraco* e *20 Poucos Anos*, também tem, por vezes, resvalado na vulgaridade e na banalização da sexualidade como pode se verificar em vários momentos do *MTV Erótica* e do *Fica comigo*. O que se verifica mais uma vez é a primordial preocupação com a realização de

atrações que se traduzam em um bom retorno de audiência para a emissora. Como comprova o depoimento de Zico Góes, diretor da MTV, por ocasião do lançamento do programa *Fica Comigo*:

“Não estamos preocupados em fazer casamentos, queremos fazer televisão. Nosso programa não é serviço, é entretenimento.”(D’ABREU, 2000, p.2)

Percebe-se no texto do diretor da MTV a completa falta de compromisso para com o sentimento dos participantes, em muitos casos jovens com sua sexualidade em formação, o que vale é a audiência e o lucro. Bem, talvez caiba ao telespectador saber filtrar tais informações. Mas, infelizmente, ele nem sempre está preparado para tanto. Enquanto isso...

PARTE 5

CONCLUSÃO

A HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA:

A VERDADE E AS MEIAS-VERDADES

## PARTE 5

# CONCLUSÃO

### A HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA: A VERDADE E AS MEIAS-VERDADES

Enfim, é claro, que programas como o extinto *Barraco* e o *Programa do Ratinho* não podem ser comparados. Cada qual tem seu público alvo específico e diga-se de passagem bastante distinto. O que busquei neste estudo foi analisar, seja no *Programa do Ratinho*, na novela *Torre de Babel* ou no *Barraco*, o porquê da opção por uma forma de abordagem, a abordagem em si e os efeitos desta abordagem.

Atualmente, a falta de ética na mídia tem alcançado proporções absurdas. E não há nada de positivo em explorar a miséria e a sexualidade alheia para gerar maior audiência e, conseqüentemente, maior lucro. Cada vez mais as TVs abertas supervalorizam as brigas de familiares e vizinhos, doenças e aberrações, assim como a veiculação de criancinhas reboativas em programas de auditório, cenas

ousadas de sexo nas novelas, além dos já famosos programas que discutem sobre sexo, como o *De Frente com Gabi* na Rede TV, o *MTV Erótica*, o *Programa Livre* do SBT e o *Sílvia* na Bandeirantes.

O que se verifica é a infundável busca por bons pontos no IBOPE. E como já foi dito anteriormente, o conceito de ética acaba sufocado, pois qualquer valor que contraponha a idéia de lucro, não existe.

Esta forma de pensamento fica bastante clara nas palavras do apresentador Carlos Massa, o Ratinho, em resposta às críticas recebidas pela veiculação das imagens de uma mulher tailandesa nua fumando pela vagina e pelo ânus:

“- Depois que a censura acabou, o limite daquilo que se deve ou não levar ao ar é apenas uma questão da consciência de cada um.”(VASCONCELLOS,1999,p.1)

Neste caso, a consciência de um apresentador - que está à frente dos interesses de uma forte rede televisiva - que se apregoa defensor do povo, um povo que não sabe o que é cidadania e não tem voz ativa.

Essa desmedida falta de ética da atual programação televisiva já tem causado perigosos reflexos no tocante a liberdade de expressão, como a recente Portaria 796 do Ministério da Justiça que acabou por estipular horários para veiculação de determinados programas, assim como a polêmica proibição da participação de menores de 18 anos na novela *Laços de Família* da TV Globo. É claro que alguma atitude precisa ser tomada para frear o sensacionalismo e a vulgarização na televisão. No entanto, é fundamental atentar para como e por quem

têm sido tomadas as decisões que objetivam estipular o que pode e o que não pode ser veiculado, uma vez que atos como a Portaria 796 e a proibição de menores na novela acabam por adquirir ares de censura. E não custa lembrar que artistas e autores brasileiros tiveram, por mais de vinte anos, sua liberdade de expressão podada por uma absurda censura.

O perigo reside justamente em permitir que atitudes como estas tornem-se uma constante na mídia brasileira. Quais serão os parâmetros e as referências dos responsáveis em apontar o que é positivo e o que é negativo? Certamente as cenas de homossexualidade serão um dos primeiros alvos desta ação moralizadora, ainda que elas sejam bem mais comportadas do que qualquer cena de namoro dos casais adolescentes da novela *Malhação*. Principalmente se lembrarmos que antes de portarias e proibições, a televisão já estava sob o jugo do poder de censura da audiência. Como já foi visto, as lésbicas de *Torre de Babel* foram mortas devido à opinião dos telespectadores. A emissora com medo de perder dinheiro, com a queda de audiência, não teve dúvidas em exterminá-las. Atropelando a liberdade estética e o poder artístico de modificar posições pré-definidas, mesmo que isso implique num fracasso de público. Se o casal de lésbicas tivesse sobrevivido à *explosão do shopping* um importante passo teria sido dado em relação a uma melhor compreensão da relação homossexual.

Acredito que o incômodo provocado no telespectador por parte dos programas sensacionalistas pode até ser encarado como positivo, quando o faz se mobilizar em favor de questões como as dificuldades enfrentadas pelas classes mais carentes no que se refere à assistência médica e à justiça. Contudo, o sentimento

de rejeição causado por tais programas em relação às classes menos favorecidas é muito maior, acarretando, por conseguinte a vitimização em massa.

No que diz respeito à questão da homossexualidade, não existe uma mobilização que possa ser considerada positiva já que o incômodo causado pelos programas sensacionalistas apenas reitera o preconceito. O desconforto *positivo* surge na novela, que mostra os *gays* como pessoas comuns ou em programas que realizam debates sérios e aprofundados sobre a temática homossexual.

O levantamento de questões estéticas, sociais e econômicas torna-se cada vez mais pertinente, pois é preciso cuidar para que imagens específicas não dominem os meios de comunicação e criem uma visão equivocada da realidade vigente, favorecendo apenas o mercado.

A televisão, como já foi dito anteriormente, quando não opta pela visão marginal ou rísel, trata do tema de maneira cuidadosa, atenuando a realidade *gay*, justamente para não agredir e chocar os heterossexuais, ou a chamada população *straight*, aquela que vive dentro da normalidade, ou seja, que possui um padrão de vida acima da média, pratica o mesmo credo e as mesmas práticas sexuais.

Enquanto o medo de afastar o público heterossexual existir, programas maquiados continuarão a ser produzidos. Embora os conceitos de modernidade levem a uma visão mais ampla da sexualidade, acredito ser quase impossível vislumbrar um tempo em que o público *straight* encare com naturalidade assistir a um drama com protagonistas do mesmo sexo.

Para qualquer indústria é mais interessante e lucrativo investir em programas maquiados, pois além de fortalecer sua imagem social e política por

estar atendida com uma questão social contemporânea, ela não aliena o público heterossexual, que é seu alvo maior, muito embora possa ser criticada por diversos fatores pelo público *gay* que não se vê retratado devidamente nestas produções.

Por fim, o que se verifica é a preocupação da indústria com o maior ganho de capital. O importante é recuperar o investimento feito.

Ainda hoje vigora a idéia de que a finalidade maior da televisão seja divertir as pessoas. É uma visão equivocada acreditar que ela seja apenas uma máquina de entretenimento. É injusto com a criatividade das pessoas dessa indústria. Muitas das vezes elas são aprisionadas por esta política de produção e forçadas a se distanciar de determinados assuntos. A televisão é um veículo de diversão, mas também pode ser de educação.

O conceito de ética está primordialmente ligado a idéia de *verdade*. No que se refere à representação da homossexualidade em programas televisivos populares, a tendência tem sido destacar apenas uma parcela desta *verdade*, que é a categoria homossexual.

Esses programas costumam lançar o foco de luz sobre apenas dois segmentos: o marginal e o risível. Deixando na escuridão outros segmentos que compõem uma verdade maior. A categoria homossexual, principalmente a masculina, trabalha com pedaços dos mais variados possíveis.

“Parto da idéia de que, especialmente num país como o Brasil, seria bastante equivocado restringir a vivência homossexual ( e sua diversificada expressão cultural ) ao grupo que circula nos guetos urbanos onde as repressões sociais e a imaginação pudica meteram aqueles cidadãos e cidadãs assim apelidados de *entendidos*,

*viados, bichas, ou baitolas* – tanto quanto as *lésbicas* são *sapatonas, fanchonas, ou pitombas*. Sem falar das vivências duplas, não se pode esquecer que existe numerosa população de vivência exclusivamente homossexual que não aceita e, muitas vezes, detesta confundir-se com o gueto guei ou, menos ainda, freqüentá-lo. Considere-se, além disso, que o epíteto altamente pejorativo de *viado* acabou descarregando o estigma sobre os ombros dos mais efeminados (a homossexualidade “visível”). Graças a esse fenômeno brasileiro (e latino), grande número de assim chamados “machões” ou “bofes” deste país consegue mascarar socialmente suas vivências homossexuais, sejam elas regulares ou esporádicas, freqüentando bichas que vão das menos pintosas até os travestis mais freneticamente femininos. (...) Boa parte do pânico provocado pela Aids certamente tem a ver com suas possibilidades de *revelar*, trazendo os subterrâneos à tona.(...) Acaso não seriam homossexuais as relações eróticas comprováveis, durante o dia ou à noite, em grande parte dos nossos banheiros públicos (masculinos), onde os machos ostentam entre si ereções (e iniciativas libidinosas) tão fáceis e fartas quanto sua mesma capacidade em, fora dali, vangloriar-se das conquistas femininas? Quantos homens brasileiros, depois de cumprir (ou nos intervalos de) seus deveres “sociais” de casar e ter filhos, não se sentem mais “liberados” e partem para uma vida (homo)-erótica, porque menos bitolada, ainda que rigorosamente clandestina? Todas essas questões tornam, portanto, vãs e discutíveis as tentativas de adentrar o campo das definições estritas e das estatísticas.” (TREVISAN, 2000, p.40-41)

É óbvio que fatos relacionados à temática homossexual noticiados por programas sensacionalistas, salvo certas exceções, são verídicos, podem e devem ser veiculados. O problema está na superexposição a que são submetidos criando a impressão de que são a expressão única da verdade.

“O capitalismo parece necessitar desse feroz e limitado estereótipo dos sexos. Tão logo ele assume o controle isso nos é impingido, a menos que os movimentos de liberação gay e feminista consigam mudar essas caricaturas da identidade sexual. (...) Como o capitalismo também cria e sustenta uma sociedade homofóbica, e as sociedades em crise acentuam essa homofobia, há poucas esperanças de que isso desapareça nas próximas décadas.”(SPENCER,1996,p.386)

Como foi visto ao longo desse estudo, a busca desenfreada pela audiência e pelo lucro é a mola propulsora da falta de ética que reina absoluta nos programas

televisivos populares. Um dos princípios fundamentais da ética é o respeito à vida, que por sua vez está intrinsecamente ligado ao respeito à identidade de cada um. Portanto, perceber os indivíduos apenas como estereótipos é justamente o que a mídia e o mercado anseiam, atropelando propositalmente como as identidades e questões se sobrepõe.

“(…) em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.”(HALL,1998,p.39)

“(…) Michael Foucault avesso à identidade disse: “É preciso não ser homossexual mais sim buscar encarnadamente ser guei. Interrogar-se sobre nossa relação com a homossexualidade é antes de tudo desejar um mundo onde essas relações sejam possíveis, mais do que simplesmente ter o desejo de uma relação sexual com alguém do mesmo sexo”. Foucault referia-se a um estado de vir-a-ser e estar-em-mutação que me parece muito interessante justamente por que não afirma a homossexualidade como uma condição de santuário da normalidade, mas também não deixa de instigar as nuances quotidianas do desejo, que podem continuar mudando indefinidamente, num espaço de manifestação labiríntica.  
(TREVISAN,2000,p.42-43)

“Ao contrário dos 70, quando se defendia a definição e a afirmação (às vezes bastante radical) dos contornos de uma identidade, atualmente desconfiamos sobretudo da própria noção de identidade. (...) A lógica mesma da compreensão disto que aprendemos a chamar de *sexualidade* começa a demonstrar sinais sutis mas firmes de fragilização. É nesse contexto que a própria noção de *homossexualidade* começa a ser rediscutida e reavaliada no seu caráter de categoria totalizadora, capaz, por si só, de definir um espaço, um perfil completo de identidade.”(PEREIRA, p.136-137)

A maneira como se experimenta o sexo entre pessoas do mesmo sexo pode variar vastamente. Atualmente, talvez o termo *homossexualidades* seja mais apropriado para se designar este grupo.

“No Brasil, é arriscado referir-se a uma “comunidade guei”, tal como se pode fazer nos Estados Unidos, por exemplo. Nossas expressões de homossexualidades são tantas, e com tal diversidade, que chegam a ser conflitantes. Numa mesma categorização tendem a se misturar discrepantemente homossexuais de todas as classes, profissões e estilos, desde profissionais de renome até pessoas à margem de tudo”(TREVISAN, 2000, p.407)

Ao tecermos essas considerações, podemos perceber a dimensão deste segmento e quão restrita e preconceituosa é a sua abordagem por parte da mídia.

Enfim, ético seria a conquista de uma cidadania que não valorizasse uma definição sexual, valorizando apenas a vivência de experiências sem a necessidade de enquadrá-las em uma categoria padrão ditada pelos códigos culturais.

Talvez o entendimento destas questões seja apenas uma primeira etapa de um longo, contínuo e árduo trabalho em favor de uma mídia menos parcial e sensacionalista.

Mas sem dúvida alguma, é preciso incomodar o espectador. Do contrário, algo dificilmente acontece.

## Referências Bibliográficas

## Referências Bibliográficas

- BELL, David & VALENTINI, Gill (edity by). *Mapping desire - geographies of sexualities*. London & New York: Routledge.
- BRANDÃO, Marcos. Polêmica com Silvio Santos. G News. *G Magazine*. Edições Fractal, edição 34, ano 3.p.10-14.Julho de 2000.
- CRUZ, Angélica & VIEIRA, João Luiz. Homossexualismo – assumir faz a diferença. *Época*, Rio de Janeiro, Editora Globo, ano 2 . n.70, p.44-51, 20 Set.1999.
- D'ABREU, Patrícia. Em nome do amor. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 Set.2000. Super TV, p.2-3.
- DANTAS, Rui. Programas de Proveta.*Folha de São Paulo*.São Paulo, 27 Set.1998. TV Folha.p.8-9.
- FEITOSA, Nelson. A mídia não é um problema. Editorial. *Sui Generis*. Rio de Janeiro. SG-Press Editora Ltda, ano 4.n.36.p.4.b
- FERNANDES, Lílian. Erótica. Como tirar de letra temas espinhosos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 Set.2000. Revista da TV, p.20.
- FILHO, Amaro Agostinho Bezerra. *Vitimização pela TV: a vitrine das agruras*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1992. (Dissertação)
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. Barulho das Massas. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 de Abril. 1998.Mais!p.4-5.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

- INGRAM, Gordon (Org.). *Queers in space*. Canadá: The Canada council, 1997.
- LIMA, Jorge da Cunha. A Hipnose Populista. Folha de São Paulo, 12 Abril 1998. Mais! p.5-9.
- MAZZARO, Marcos. O Historiador das Elites. *Sui Generis*. Rio de Janeiro. SG-Press Editora Ltda, ano 4.n.35.p.25-27.
- MERCATTO. *Ratinho na Revista Mercatto*. Disponível na INTERNET via [www.geocities.com/programadoratin/mercatto.htm](http://www.geocities.com/programadoratin/mercatto.htm).arquivo consultado em 2000.
- MIRANDA, Ricardo & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- MARTHE, Rui, VALLADARES, Ricardo. O Povo na TV. *Veja*. Editora Abril, edição 1662, ano33-n.33.p.106-113.16 Agosto 2000.
- MOREIRA, Paulo Ricardo. Drags / Elas são para lá de abusadas. *O Globo*, Rio de Janeiro.2000. Revista da TV, p.17.
- MOREIRA, Paulo Ricardo. Pegadinhas / O Homem que Ganha a Vida Apanhando. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 Set.2000. Revista da TV, p.7.
- MOTT, Luiz. Os homossexuais: as vítimas principais da violência. *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- PACHECO, Cid. Vitimidação - a vítima e a mídia. Série: *Temas de Vitimologia*. nº1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. 8p.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Há algo no ar além dos aviões de carreira...! *Cultura gay* e estilos de vida contemporâneos. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. Homossexualidade e cidadania. *Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro. (p.125-137)
- PETERMANN, Christian. Os Assumidos da TV. *G Magazine*. Edições Fractal, edição 34, ano 33. p.10-14. Julho de 2000.
- PIGNATARI, Décio. *Signagem da Televisão*. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.
- PINHEIRO, Daniela. “Pai, Eu Sou Gay”. *Veja*. Editora Abril, edição 1636, ano 33 – n.7. p.104-111. 16 Agosto 2000.
- RIXA. *Almanaque da TV – 50 anos de memória e informação*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

- RONDELLI, Elizabeth. “Televisão aberta e por assinatura: consumo cultural e política de programação” In: *Lugar Comum – estudos de mídia, cultura e democracia*.N. 5-6. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.pp.33-58.
- ROTELLO, Gabriel. *Comportamento sexual e aids - a cultura gay em transformação*. Edições GLS, 1998.
- SENNET, Richard. *Carne e Pedra – O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Record, 1997.
- SILVA, Fernando de Barros. Sexo, mentiras e telenovelas – 2. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19 Jul.1998. TV Folha.p.2.
- SODRÉ, Muniz. *O Brasil Simulado e o Real*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- VALLADARES, Ricardo. A Nova Cara da TV. *Veja*. Editora Abril, edição 1615, ano32-n.37. p.112-119. 15 Set.1999.
- VASCONCELLOS, Paulo. Novo ultimato a emissoras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 jul., 1999. B.p.1.